



Programa de
Pós-Graduação em
Linguística

UMA ABORDAGEM PARA O 'TAMBÉM'-ADITIVO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO

SÃO CARLOS
2022



Universidade Federal de São Carlos

Matheus Bittencourt Cipolli

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

UMA ABORDAGEM PARA O ‘TAMBÉM’-ADITIVO DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO

MATHEUS BITTENCOURT CIPOLLI
Bolsista: CAPES

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal de São Carlos, como
parte dos requisitos para a obtenção do
Título de Mestre em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Renato Miguel Basso

São Carlos - São Paulo - Brasil
2022

MATHEUS BITTENCOURT CIPOLLI

**Uma abordagem para o ‘também’-aditivo do português
brasileiro**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Mestre em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Renato Miguel Basso – UFSCar
Presidente

Prof. Dr. Luisandro Mendes de Souza – UFPR
Avaliador

Prof. Dr. Dirceu Cleber Conde – UFSCar
Avaliador

Prof. Dr. Renato Miguel Basso (Orientador)

RESUMO

Este trabalho se volta a definir, dentro do modelo da semântica formal das línguas naturais, um dos principais usos do ‘também’ do português brasileiro, aqui chamado de uso aditivo. Para uma definição cuidadosa e compreensiva é necessário mobilizar diversas pesquisas de áreas pertinentes, como as análises de ‘too’ em Green (1968), Kaplan (1984), Krifka (1990) e Amsili, Beyssade et al. (2010), bem como análises de coordenações encontradas em Winter (2006) e Zhang (2014), que auxiliam na descrição do componente aditivo do objeto desta pesquisa. O processo de descrição do ‘também’ passa adicionalmente pelos tópicos de pressuposição e, em particular, de anáfora, que representa uma parte fundamental de sua função aditiva. No decorrer deste trabalho serão contempladas tais pesquisas prévias que oferecem uma perspectiva necessária sobre o ‘também’-aditivo, em particular em pontos de intersecção que demonstram as partes mais inerentes do funcionamento desse item. De posse desta perspectiva e em associação com as propostas originais deste trabalho, será oferecida uma descrição mais compreensiva que as anteriores sem sacrificar a economia do modelo.

Palavras-chaves: Semântica. Também. Anáfora. Conjunção.

ABSTRACT

The main goal of the present master thesis is to define, within the model of formal semantics of natural languages, one of the main uses of ‘também’ in Brazilian Portuguese, which we call additive-‘também’. For a detailed and comprehensive definition of this use, it is necessary to mobilize several different researches of the relevant areas, such as the analyses of ‘too’ in Green (1968), Kaplan (1984), Krifka (1990) and Amsili, Beyssade et al. (2010) as well as the analyses of coordination found in Winter (2006) and Zhang (2014), which help to describe the additive component of the object of this research. The process of describing ‘também’ additionally mobilizes discussions of presupposition and, in particular, of anaphora, which represents a fundamental part of the additive function of ‘também’. In the course of this work, such previous research will be contemplated and will offer a perspective necessary for the analysis of additive-‘também’, in particular for the points of intersection that demonstrate the most inherent parts of the functioning of that item. In possession of this perspective and in association with the original proposals of this work a more comprehensive description will be offered than the previous ones without sacrificing the economy of the model.

Key-words: Semantics. Também. Anaphora. Conjunction.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiro e mais intensamente, à minha companheira de jornada, que me deu forças quando as forças acabavam e que me incentivou e apoiou em cada passo do meu mestrado: minha queridíssima namorada Rita de Cássia Fernandes Soffiatti, sem a qual este trabalho não seria possível.

Em segundo momento, gostaria de agradecer aos meus pais, Kátia Maria Vieira Avelar Bittencourt Cipolli e Anibal Rodrigues Cipolli, com quem eu convivi durante todos os dias deste período de quarentena e cujas companhias foram essenciais para a navegação destes tempos turbulentos. Agradeço aos meus irmãos, Ana Paula Bittencourt Cipolli e Nicolas Bittencourt Cipolli, que, entre acaloradas discussões e abraços igualmente aquecidos, sempre estiveram ao meu lado.

Gostaria de agradecer também aos amigos do meu servidor de Discord (o "Parece que Piorou"), que contribuíram de forma imensa para tornar este período de quarentena tolerável. Eles são muitos numerosos para que eu nomeie todos eles aqui, mas gostaria de dedicar agradecimentos especiais a dois dos meus mais caros amigos dentre estes: Henrique Machado Gonçalves, que sempre esteve solícito e companheiro, mesmo em momentos que ele mesmo passava por grandes dificuldades, e Kleyton Torikai, a quem considero como um terceiro irmão, e que mesmo tendo muito menos contato do que gostaríamos, ainda assim sempre esteve presente.

Agradeço também aos meus colegas de faculdade, com quem, infelizmente, não pude compartilhar o campus, seja pela quarentena ou pela distância geográfica. Ainda assim, quero agradecer do fundo do coração a Felipe Manca, Marina, Jon, Bruno e Edinei, que me ajudaram a ser o linguista que eu sou hoje.

Por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer meu orientador e mentor Renato Miguel Basso, que me ofereceu imenso apoio ao longo deste processo de mestrado, apoio este que eu nunca esquecerei. Também aproveito esta oportunidade para agradecer outros professores que me apoiaram neste processo, Dirceu Cleber Conde e Pablo Arantes, que, além de ótimos professores durante a graduação, foram fonte de apoio acadêmico e emocional em inúmeras ocasiões.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1	CAPÍTULO 1 - SOBRE O ‘TAMBÉM’: DISTINÇÕES E ANÁLISES
	PRÉVIAS 7
1.1	Os "tambéns" do português brasileiro e o ‘também’-aditivo 7
1.2	‘Também’ <i>versus</i> ‘too’ 10
1.3	As pesquisas prévias 11
2	CAPÍTULO 2 - FERRAMENTAL TEÓRICO 15
2.1	Anáfora 15
2.1.1	A anáfora do também 18
2.2	Pressuposições 20
2.3	Coordenações múltiplas e listas 24
2.3.1	Winter (2006) e sua análise das Coordenações Múltiplas 24
2.3.2	Zhang (2014) e as listas 30
2.4	Uma proposta para as listas 32
3	CAPÍTULO 3 - UMA ANÁLISE PARA O ‘TAMBÉM’ 36
3.1	A abordagem de Amsili e Beyssade (2010) 36
3.1.1	Críticas a Amsili e Beyssade (2010) 38
3.2	Costurando a análise 40
CONCLUSÃO	45
BIBLIOGRAFIA	47

Introdução

O objetivo principal desta dissertação é fornecer uma análise semântico-pragmática para o item ‘também’ do português brasileiro. Esse item, como argumentaremos, funciona como uma partícula aditiva ao mesmo tempo que têm um componente anafórico.

Suas contrapartes em inglês (*‘too’*) e francês (*‘aussi’*) já foram alvo de diversas e importantes investigações dentro de um quadro formal de análise, mas sua contraparte em português recebeu ainda pouca atenção - essa é uma das justificativas da presente dissertação. Uma outra justificativa, de cunho mais teórico, é que, como mostraremos ao longo deste trabalho, mesmo as teorias mais recentes e sofisticadas sobre esse item (e suas contrapartes em outras línguas), como é o caso do trabalho de Amsili e Beyssade (2010), não cobrem todas as possibilidades de interpretação e uso de ‘também’, e assim há um problema teórico e empírico a ser solucionado quando se trata da análise desse item. Sendo assim, nesta dissertação propomos uma análise para ‘também’ que, como argumentaremos, dá conta de seus usos e interpretações relevantes.

Além de considerar ‘também’ como uma partícula aditiva com pressuposições e propriedades anafóricas específicas, nossa análise se baseará na ideia de “lista” proposta por Zhang (2014) para lidar com certos tipos de coordenações, em especial as conjuntivas. Conforme mostraremos, essa ideia é sucinta, econômica e robusta o suficiente para lidar com os casos que apresentaremos.

A organização desta dissertação envolve três capítulos, que descrevemos na sequência. No primeiro capítulo, intitulado "Sobre o ‘também’: distinções e análises prévias", apresentaremos, na seção 1.1., as diferentes interpretações que ‘também’ recebe no português brasileiro (PB), isolando sua interpretação aditiva; feito isso, a seção 1.1.1 traz uma breve comparação entre ‘também’ e ‘too’ que justifica sua semelhança em usos aditivos, mesmo salientando suas diferentes possibilidades de uso; finalmente, o primeiro capítulo se encerra com uma apresentação, na seção 1.2, de análises prévias de ‘too’, que podem ser estendidas ao ‘também’.

No segundo capítulo, que leva o nome "Ferramental teórico", apresentamos os principais conceitos dos quais lançaremos mão em nossa análise do ‘também’ aditivo - tanto apresentaremos os conceitos em suas definições mais usuais, quanto em como eles são aplicados ao ‘também’. Na seção 2.1., tratamos sobre ‘anáfora’ - fornecemos algumas das definições e problemáticas que envolvem esse complexo fenômeno, sem a pretensão de exaurir o tema, e discorremos sobre a anáfora de ‘também’ na seção 2.1.1. Dedicamos a seção 2.2. ao fenômenos da pressuposição,

também apresentando sua definição, exemplos e como se aplica ao ‘também’. Por fim, trazemos a conceitualização de "lista"oferecida por Zhang (2014) na seção 2.3., e mostramos como esse conceito pode ser aplicado a termos aditivos bem como ao ‘também’.

O último capítulo desta dissertação é o terceiro, que tem o título “Uma análise para o ‘também’ ”. Na primeira parte desse capítulo, na seção 3.1. apresentamos a abordagem de Amsili e Beyssade (2010) para o item francês "*aussi*", ampliando a análise para o ‘também’. Apesar de muito interessante, essa abordagem não dá conta de dados empíricos sobre as interpretações do ‘também’, que apresentamos, juntamente com outras críticas a essa análise, na seção 3.1.1. A segunda e última parte do terceiro capítulo traz nossa proposta original de análise para o ‘também’, na seção 3.2.

Esta dissertação se encerra com a "Conclusão", na qual fazemos um resumo do caminho percorrido, bem como apontamos para alguns dos problemas em aberto.

Esperamos que este trabalho seja uma contribuição para a investigação sobre o ‘também’ em PB e demais partículas aditivas.

1 CAPÍTULO 1 - SOBRE O ‘TAMBÉM’: DISTINÇÕES E ANÁLISES PRÉVIAS

Neste primeiro capítulo, nosso objetivo é investigar os diferentes usos e interpretações que o item ‘também’ apresenta no português brasileiro atual, além de identificar e isolar o que chamaremos de ‘também’-aditivo, bem como suas principais propriedades - esse será o tópico da seção seguinte, 1.1. Ainda é nosso objetivo neste capítulo comparar o ‘também’ com ‘*too*’, seu equivalente em inglês. Essa comparação tem dois objetivos: (i) mostrar os pontos em que ‘também’ e ‘*too*’ se diferem e se assemelham para então (ii) analisar as teorias prévias postuladas para ‘*too*’ considerando que elas também se aplicam ao ‘também’-aditivo¹. Esses dois objetivos serão tratados, respectivamente, nas seções 1.1.1. e 1.2.

1.1 Os "tambéns" do português brasileiro e o ‘também’-aditivo

No português brasileiro, o item ‘também’ é um item que possui usos que fogem ao escopo deste trabalho, e portanto devemos abordar seus diferentes usos com o propósito de isolar o que é pertinente para a nossa investigação.

Etimologicamente, a palavra ‘também’ tem origem na contração das palavras ‘tão’ e ‘bem’, e é encontrada em registros escritos desde pelo menos o século XIII com um significado já bastante próximo ao que temos hoje no português brasileiro, principalmente relacionado ao uso como partícula aditiva (que veremos logo abaixo). Temos com o item ‘também’ um exemplo de gramaticalização – processo pelo qual itens lexicais se transformam, através de etapas já reconhecidas e descritas minuciosamente pela literatura especializada, em itens funcionais (cf., Hopper e Traugott (1993)).

Nesse caso em particular, os itens ‘tão’ e ‘bem’ se unem num único item que é reconhecido pelas gramáticas tradicionais como um advérbio. Uma outra evidência a favor da tese de gramaticalização que envolve ‘também’ é a pronúncia reduzida, generalizada e encontrada em todo território nacional, de ‘também’ como ‘tamém’, além do fato de ser cada vez menos transparente para os falantes de hoje sua origem nos itens ‘tão’ e ‘bem’.

¹ Mais adiante neste trabalho, faremos também comparações com ‘*aussi*’, o equivalente ao ‘também’ em francês.

Com relação a seus usos, as sentenças abaixo ilustram algumas possibilidades, sendo que entre elas há usos que surgiram no contexto do português brasileiro ²:

Partícula aditiva:

- (1) João foi na festa também.

Interjeição/conjunção:

- (2) Também, do jeito que ventou ontem, certeza que ia cair aquele galho.

Interjeição/expressiva:

- (3) Você também hein, nem pra tomar cuidado com onde parar o carro.

No português brasileiro, como os exemplos acima ilustram, há outros usos para a palavra ‘também’, com funções que não a de partícula aditiva, que, como dissemos, é o foco deste trabalho. Estas funções são tão distintas da sua forma como partícula aditiva, tanto em conteúdo semântico quanto em funcionamento sintático, que, salvo algum mecanismo composicional sintático-semântico responsável por unificar esses usos de ‘também’, seria possível inclusive avançar a hipótese de que estamos diante de itens linguísticos distintos, apesar de homófonos³.

Dessas funções uma delas, a aditiva, é claramente a função em foco deste trabalho, porém uma outra delas demanda um pouco de atenção por apresentar um grau de semelhança no que diz respeito a alguns contextos em que aparece, portanto abordaremos a interjeição em contraste com a função aditiva, como no exemplo 4 a seguir:

- (4) a. - O João chegou tarde pra caramba em casa.
- Também, ele foi na festa.
b. - Cara!, fui numa festona ontem, foi muito louco.
- O João foi na festa também. / O João também foi na festa.

Como se pode observar a partir desses dois exemplos, a segunda sentença que aparece nos dois casos são essencialmente idênticas (uma vez que se resolve a anáfora de ‘ele’ como

² Seria certamente muito interessante procurar a origem desses outros usos, mas trata-se de uma tarefa que foge ao escopo do presente trabalho.

³ De modo bastante especulativo, podemos pensar que o uso aditivo é o básico, que significa, muito simplificada-mente, ‘acrescentar algo a mais’. Esse uso pode ser então estendido, metaforicamente, para algo como ‘além do mais’, que é próximo ao que temos nos exemplos (2) e (3) acima. Sendo assim, teríamos ‘também’-advérbio em (1) e ‘também’-conjunção, interjeição em (2) e (3). Obviamente, como dissemos, essa é apenas uma especulação sobre novos usos de ‘também’ e sua rota de gramaticalização, que não são foco desta dissertação.

sendo o João em (4a)), com a exceção da posição sintática de ‘também’. Entretanto, o conteúdo semântico, bem como o conteúdo pragmático (considerado aqui como a articulação conversacional) das duas respostas são bastante distintos para qualquer falante de português brasileiro. Em (4a), ‘também’ expressa uma forma de relação causal, que estabelece e ressalta a relação entre João ter chegado tarde e ele ter ido na festa, ao passo que em (4b), ‘também’ simplesmente coloca João no grupo de pessoas que foi na festa, juntamente com o interlocutor da sentença anterior, e não há nenhum tipo de criação ou expectativa de vínculo causal entre o que é expresso nesse caso. É interessante notar também a posição sintática sempre inicial do ‘também’ que ocorre em (4a), que certamente é responsável, juntamente com uma entoação específica, para a interpretação que sugerimos. Por sua vez, o ‘também’ de (4b) apresenta maior liberdade sintática e não requer nenhuma entoação específica (i.e., pode ser proferida com uma entoação padrão ou *flat*).

O outro uso de ‘também’ exemplificado em (3) possui, por sua vez, uma propriedade de opinião do interlocutor, como os itens expressivos em língua natural. Além disso, o ‘também’ de casos como aqueles em (3) têm uma estrutura sintática peculiar: ao passo que o ‘também’ em (2), que classificamos como uma interjeição-conjunção, requer uma sentença como argumento, o ‘também’ de (3) requer um indivíduo como argumento⁴. Observemos outro exemplo:

(5) Você também, hein, foi na festa na véspera da prova.

Note que nesse caso, novamente, o uso de ‘também’ carrega um conteúdo de desaprovação sobre algo relativo ao referente do item que funciona como seu argumento, e isso configura seu caráter expressivo, que é a opinião, no caso negativa, do falante. Todas essas funções linguísticas dessa palavra têm nuances e particularidades próprias, e sendo assim merecem estudos aprofundados e detalhados, que, contudo, não serão apresentados neste trabalho, em que optamos por focar em um uso particular de ‘também’, o uso aditivo.

Na sequência, estabeleceremos uma comparação entre o uso do termo ‘*too*’ do inglês, que é o utilizado por praticamente todas as publicações que servem de base sobre esse tópico neste trabalho, com sua contraparte do português brasileiro, o ‘também’⁵.

⁴ Pode ser que o ‘também’-interjeição possa ter outras entidades como argumento, como fatos, eventos ou mesmo proposições: "Isso que aconteceu também, hein, que tragédia"; mas não exploraremos essas possibilidades no presente trabalho.

⁵ O mesmo é válido para o ‘*e*’ *versus* o ‘*and*’, porém acreditamos que estes termos são trivialmente similares, ao passo que o ‘*too*’ *versus* o ‘também’, apesar de muito similares, não têm uma semelhança imediatamente evidente, por isso dedicamos a esses itens uma comparação mais explícita.

1.2 ‘Também’ versus ‘too’

A palavra ‘too’, assim como ‘também’, tem mais de uma acepção e uso no inglês, e nem todas elas são relevantes para o presente estudo. Para fins de esclarecer as similaridades e diferenças entre ‘too’ e ‘também’, nesta seção iremos demonstrar algumas das possibilidades de interpretação de ‘too’, e indicar quais delas são o foco do trabalho e como elas se comparam com ‘também’. Passemos então às acepções mais comuns de ‘too’ encontradas na literatura especializada, que são a intensificadora e a aditiva.

1- Intensificador

‘too’ pode ser usado como um indicador de intensidade, apontando que algo se apresenta como estando acima do esperado num dado contexto particular, de modo similar a palavras como ‘demasiado’ ou ‘demais’ do português, como nos exemplos a seguir:

- (6) a. You’ve put too much sugar in my coffee.
- b. Você colocou açúcar demais/demasiado no meu café.

Esse uso do ‘too’, apesar de bastante produtivo em inglês, não é o que será analisado neste trabalho, e não há nada correspondente aos usos do ‘também’ em PB na acepção de intensificador. O fato de a palavra ‘too’ ter essa acepção que não se faz relevante para esta análise em particular não é um problema, devido à grande diferença semântica que ela tem da acepção de partícula aditiva, resultando em contextos sintáticos suficientemente diferentes para que a distinção seja feita sem grandes riscos de ambiguidade. Há também diferenças sintáticas importantes entre este uso de ‘too’ e os outros, bem como diferenças prosódicas, mas não as exploraremos aqui; basta notá-las para identificar e separar esse uso de ‘too’.⁶

2- Aditiva

‘Too’ pode funcionar como uma partícula aditiva, ou seja, ela permite incluir múltiplos itens como argumentos de um predicado.

- (7) a. -I’m starting to feel hungry.
- Me too.
- b. -Estou ficando com fome.
- Eu também.

⁶ As sentenças em inglês dos exemplos a seguir foram retiradas do dicionário online de Cambridge .

- (8) a. Helen's got a beautiful voice, and she's a good dancer too.
b. Helen tem uma linda voz, e ela é uma ótima dançarina também.
- (9) a. Taking bribes is immoral. It's bad policy too!
b. Aceitar subornos é imoral. É uma política ruim também!
- (10) a. Of course, our customers complain, but we too have our problems.
b. Claro, nossos clientes reclamam, mas nós também temos nossos problemas.

Nestes exemplos podemos observar que o objeto em questão realiza uma adição: No exemplo 7, o segundo falante se adiciona às outras pessoas que estão com fome, no exemplo 8, 'ótima dançarina' é adicionado aos talentos de Helen, no exemplo 9, 'política ruim' é adicionado às características de suborno e, por fim, no exemplo 10 os donos do estabelecimento se adicionam às pessoas com problemas.

Essa interpretação e função do item '*too*' é a que será comparada com 'também' do PB, uma vez que o foco deste trabalho é a função aditiva. Como podemos observar pelas traduções sugeridas, tanto a posição sintática, quanto a função semântica de '*too*' e de 'também' são muito similares nesses casos, justificando assim utilizar propriedades postuladas para o '*too*' e aplicá-las ao 'também' e vice-versa.

Na sequência, serão contempladas algumas análises da literatura sobre o termo 'também', que serviram de base para as análises futuras deste assunto, incluindo nossa própria proposta. A apresentação dos trabalhos a seguir não tem a pretensão de ser exaustiva, mas sim de mostrar as principais ideias encontradas nas abordagens para o 'também'.

1.3 As pesquisas prévias

Começamos nossa apresentação por uma breve revisão do trabalho de Green (1968). Nele, a autora afirma que '*too*' e '*either*' têm efetivamente a mesma função, sendo esta função uma de conjunção que tem um efeito de acomodação,⁷ como pode ser visto em 11:

- (11) João é do Ceará e Felipe também é nordestino.

⁷ Tal efeito de acomodação é um fenômeno prevalente do 'também' que é especificamente abordado em Amsili, Beyssade et al. (2010), e que será analisado na seção 3.1 deste trabalho.

Nesse caso, é importante notar que há duas instâncias de conjunção: a primeira é dada pelo ‘e’ entre as duas afirmações, e a outra instância está presente na segunda afirmação, e é dada pelo ‘também’, de forma que tal afirmação pode ser parafraseada como: ‘João e Felipe são nordestinos’. Este caso demonstra, adicionalmente, que há uma retomada anafórica, que a autora chama de "pseudo-pronominalização", uma vez que a segunda afirmação do exemplo retoma o fato de que há outro indivíduo nordestino no contexto (sem especificar, no entanto, de qual Estado dessa região), de uma forma similar a que exercem os pronomes, o que é o primeiro indício da porção anafórica do ‘também’, que será mais explorada ao longo deste trabalho.

Em seguida, a autora diz que uma análise mais completa dessa partícula requer uma gramática capaz de representações semânticas (uma vez que seu trabalho foi feito inteiramente sob a ótica do gerativismo no seu início), e, justamente modelos com estas representações semânticas é que se encontram nos outros trabalhos que abordaremos a seguir. Tanto a ideia de "pseudo-pronominalização" quanto à de que o ‘too’ tem propriedades conjuntivas são ideias apresentadas, de diferentes formas, no presente trabalho, e também em tantos outros posteriores a Green (1968).

Após a proposta de "pseudo-pronominalização" de Green (1968), como um marco importante nas pesquisas nessa área temos a análise de ‘também’ encontrada em “Obligatory too in English”, de Jeffrey P. Kaplan (1984), que explora principalmente, como o título sugere, as sentenças em que o ‘too’ é obrigatório, como demonstrado no seguinte exemplo 12⁸.

- (12) a. João tinha um peixe, Mônica tinha um peixe.
b. João tinha um peixe, Mônica tinha um peixe também.

Diante desses exemplos, o autor argumenta que a alternativa (a) é agramatical ou, pelo menos anômala em comparação com a sentença em (b), de forma que nesse tipo de contexto o ‘too’ (como explicitado no texto original) seria um item obrigatório. No processo, o autor identifica que o ‘too’ implica a existência de alguma semelhança entre as duas cláusulas da conjunção, o que é uma ideia bastante próxima da noção de relevância interna que já havia sido avançada por Green (1968). Outras conclusões interessantes de Kaplan (1984) são: (i) que um dos efeitos do ‘too’ é o de lançar foco sobre a cláusula na qual ele incide e (ii) que diversas sentenças em que o ‘too’ ocorre demonstram manobras anafóricas, atribuídas pelo autor à elipse de uma sentença prévia. Porém, nesta dissertação será argumentado que isto é, na verdade, uma

⁸ Exemplos traduzidos e adaptados do exemplo 1 de Kaplan (p. 510, 1984).

propriedade intrínseca de ‘*too*’ (assim como de ‘também’).

Por fim, ainda no mesmo artigo, Kaplan (1984) também identifica sentenças em que o ‘*too*’ é opcional, mas mantém o mesmo sentido da sentença original (i.e., sem ‘*too*’), e sentenças em que o ‘*too*’ é opcional, mas altera o sentido da sentença em circunstâncias específicas.

Há contextos nos quais a similaridade esperada entre as cláusulas unidas pelo ‘*too*’ não é particularmente clara, como no exemplo 13, em que o autor defende que o ‘*too*’ é opcional na medida em que a similaridade das cláusulas sobre as quais ele incide pode gerar ambiguidades, dado que podemos estabelecer duas similaridades distintas, uma no contexto (a), em que ela se estabelece entre dois carros distintos (porém, a similaridade se dá por ambos serem carros), *versus* o contexto (b), em que a similaridade se estabelece por ambas as sentenças tratarem do mesmo carro.

- (13) a. Eu comprei um carro pra ficar fora até tarde, e comprei um pra poder ir para faculdade.
b. Eu comprei um carro pra ficar fora até tarde, e comprei um pra poder ir para faculdade também.

Tal análise começa a demonstrar que o ‘*too*’ desempenha funções semânticas mais complexas do que simplesmente completar sentenças similares que demandam obrigatoriamente o ‘*too*’.

Posteriormente, podemos citar o trabalho “Additive particles under stress”, de Manfred Krifka (1999). Nesse artigo, o autor se encarrega de analisar sentenças que apresentam entre si um paralelismo sintático muito grande, focando-se particularmente no efeito que o acento prosódico traz em situações dessa natureza, concluindo que o ‘*too*’, em conjunto com os devidos acentos (quando necessários), serve para selecionar sobre qual tópico esse item efetivamente opera, acrescentando informações. Observe o exemplo 14:

- (14) a. Péter probably visited the exhibition, *tò*o.
Péter provavelmente foi na exposição, *tambèm*
b. Peter probably visited the exhibítion, *tò*o.
Peter provavelmente foi na éxposição, *tambèm* ⁹

Com o trabalho de Krifka (1999), fica ainda mais evidente que itens como ‘*too*’ e ‘também’ podem ter dois escopos diferentes que dependem da prosódia utilizada. Assim, a interpretação de (a) seria que, além de outras pessoas, Peter foi na exposição, assim o adicionando

ao grupo de pessoas que esteve presente. Já em (b), a interpretação seria a de que Peter foi à exposição, além de a outros lugares, assim adicionando a exposição ao grupo de lugares que Peter visitou.

Por fim, em nossa breve revisão da literatura até aqui, em Kripke (2009) temos novamente contextos que sugerem a ideia de que *'too'* tem uma função anafórica em contextos como os de 15, em que o autor referencia o texto de Soames (1982) sobre as pressuposições associadas ao termo *'too'*, aqui traduzido.

(15) Bill também é culpado.¹⁰

O exemplo acima ilustra um contexto em que a sentença claramente pressupõe que existe mais alguém que é culpado além de Bill¹¹. Demonstrando assim que o *'too'* pode ser usado anaforicamente, inclusive sem a necessidade da referência da anáfora (i.e., seu antecedente) ter sido mencionada explicitamente no contexto, desde que ela esteja acessível nas informações compartilhadas no contexto em questão.

Como podemos ver com essa breve revisão da literatura sobre o item *'too'* - cujas conclusões, como dissemos, podem ser estendidas ao *'também'*-aditivo -, desde muito cedo os pesquisadores já detectaram que *'too'* tem propriedades anafóricas (ou de "pseudo-pronominalização"), que carrega pressuposições, que pode ter diferentes escopos, que acrescenta um elemento na extensão de um predicado e, finalmente, que pode servir para reparar sentenças que, sem o *'too'*, seriam estranhas.

Em nossa análise de *'também'*, faremos uso de boa parte dessas noções e também de uma outra ideia, a de "lista"(cf., Zhang (2014)). Sendo assim, no próximo capítulo nos deteremos sobre as noções teóricas relevantes para nossa proposta e em como elas podem ser visualizadas ao lidarmos com *'também'*.

¹¹ No exemplo 15 podemos observar novamente um caso de ambiguidade de escopo, similar ao do exemplo 14, sendo que a outra interpretação seria de que Bill é culpado, além de outras coisas, assim ser culpado seria adicionado às características de Bill.

2 CAPÍTULO 2 - FERRAMENTAL TEÓRICO

Este capítulo apresenta as ferramentas teóricas que usaremos para nossa proposta de análise para o ‘também’-aditivo. Apresentaremos os conceitos relevantes aqui - todos usados na explicação de fenômenos diferentes do ‘também’-aditivo e, portanto, independentemente motivados - primeiramente com definições mínimas e depois aplicados ao ‘também’.

Na seção seguinte, 2.1., discorreremos sobre anáfora, essa complexa e intrincada relação semântica que, como vimos, também se faz presente na interpretação e análise de ‘também’ (seção 2.1.1.). Na sequência, a seção 2.2. traz uma discussão sobre pressuposição, um nexo semântico desde cedo detectado nas análises sobre o ‘*too*’, que igualmente se aplica ao ‘também’.

Por fim, de modo mais inovador, apresentaremos o mecanismo criado em Zhang (2014) para criar e operar sobre as "listas"; originalmente, esse conceito foi introduzido para lidar com coordenações múltiplas e, por isso, veremos um pouco da problemática sobre tipos diferentes de coordenação na seção 2.3.1, com base na visão e proposta de Winter (2006), que é criticada por Zhang (2014). Então, na seção 2.3.2, apreciaremos a ideia de "lista" empregada para analisar coordenações, algo, que como argumentaremos, se aplica também ao lidarmos com o ‘também’-aditivo.

Como adiantamos, é com base nessas ideias que tanto criticaremos a proposta recente de Amsili e Beyssade (2010) para o ‘*too*’, quanto avançaremos nossa própria proposta de análise.

2.1 Anáfora

Começamos com uma breve definição de anáfora¹, que pode ser entendida como uma operação referencial na qual encontramos um item linguístico que remete a um referente já presente em um contexto, seja porque foi explicitamente mencionado (i.e., por meio de material linguístico superficial), seja porque pode ser inferido a partir de informações contextuais, tanto do contexto perceptual na qual um proferimento acontece quanto do conhecimento compartilhado.

¹ Obviamente, não podemos cobrir aqui todas as nuances e possibilidades que se relacionam com relações anafóricas, que podem envolver diferentes tipos de antecedentes (por exemplo, estruturas nominais, verbais, sentenciais etc.), diferentes tipos de termos anafóricos (por exemplo, pronomes pessoais, demonstrativos, expressões nulas etc.) e também diferentes tipos de nexos entre os dois (por exemplo, anáfora co-referencial, anáfora indireta, anáfora associativa etc.); não obstante, é imprescindível discorrermos sobre os aspectos mais gerais dessa relação e sua configuração, e também em como ela se aplica ao ‘também’-aditivo.

Identificamos nos pronomes pessoais de terceira pessoa um dos itens linguísticos que mais exemplarmente ilustram esse tipo de operação, como pode ser observado no uso de ‘ela’ no seguinte exemplo 16:

(16) Joana foi viajar, e ela esqueceu as chaves.

Nesse exemplo, ‘ela’ tem a mesma referência de ‘Joana’, substituindo (e evitando) a repetição de um mesmo nome² em instâncias subsequentes no contexto³.

Outra forma de conceber anáforas ou termos anafóricos é pensar neles como itens de referência dependente, ou seja, sua referência está associada a um outro item prévio do contexto, como no caso visto no exemplo acima, em que ‘ela’ tem sua referência dependente de ‘Joana’, e este item é um item de referência independente, o que nada mais é do que a referência usual de elementos como nomes próprios. À relação entre o item anafórico e seu antecedente chamaremos de "indexação", e essa relação, em geral, é representada nas análises como um mesmo índice numérico subscrito tanto no item anafórico quanto no antecedente, de forma que possamos visualizar mais claramente essa relação entre as estruturas linguísticas por meio desses índices. Assim, o exemplo anterior, com indexação, ficaria como abaixo:

(17) Joana₁ foi viajar, e ela₁ esqueceu as chaves.

De posse dessa relação de dependência referencial podemos explorar o mecanismo pelo qual tal relação se estabelece selecionando um item do contexto que vai condicionar sua referência. Em outras palavras, há um termo anafórico, que faz a retomada, e há algo, pode ser uma expressão linguística ou não, que é retomado (o antecedente). Por isso, é imprescindível abordarmos como um termo anafórico encontra seu antecedente, em nosso caso, notadamente quando esse antecedente é um termo linguístico.

Apesar desta relação de dependência referencial, isto não significa que uma anáfora

² Há muitas complicações aqui que merecem ser mencionadas, uma delas é saber se a anáfora se dá entre estruturas linguísticas ou entre estruturas linguísticas e referentes (num dado modelo de discurso). Consideramos que as anáforas envolvem estruturas linguísticas - representadas por termos anafóricos como pronomes - e referentes (discursivos; cf., Roberts (2003)). Portanto, consideramos a possibilidade de que o antecedente de um termo anafórico não precise ser explicitamente mencionado, como no famoso exemplo de anáfora associativa: ‘Chegamos numa cidadezinha do interior, e estavam todos na igreja’; em que se presume que cidades do interior tenham uma única igreja principal/central, e é a essa igreja que a expressão definida ‘a igreja’ remete. Num caso como esse, as pressuposições de existência e unicidade relacionados ao definido ‘a igreja’ são acomodadas - retornaremos a essas pressuposições a seguir.

³ Tal operação tem, possivelmente, o efeito de facilitar o processamento cognitivo da língua, mas, apesar de interessantes e relevantes por diversas razões, as questões de nível cognitivo não serão exploradas neste trabalho.

necessariamente tem uma referência única. Há casos, como o demonstrado no exemplo a seguir, em que uma anáfora pode ter uma referência variável.

(18) Todo homem gosta que falem com ele.

Nesse contexto, "ele" não tem uma referência única, mas é afetado pelo mesmo quantificador ('todo') que opera sobre seu antecedente, no caso, 'homem', de forma que não há um referente específico ligado a 'ele'. Nesse caso, o pronome contribui com uma variável que está sob o escopo do quantificador e varia com ele.

Podemos dizer que há pelo menos duas partes relevantes no processo de identificação de um antecedente. Uma delas é principalmente pragmática e consiste da determinação do item mais saliente dentre as restrições que o termo anafórico impõe e também da determinação do componente sintático-semântico, composto pelos elementos que impõem restrições estruturais à anáfora e que, por consequência, direcionam seu apontamento. No exemplo 19 pode-se observar uma situação em que o elemento pragmático é particularmente evidente:

(19) (Contexto: alguns amigos se reuniram para fazer uma festa surpresa para uma colega).
Um dos amigos: Ela não vêm mais.

Neste exemplo, observa-se que a situação conversacional proporciona uma saliência contextual que permite que a anáfora seja bem-sucedida mesmo sem que o seu referente tenha sido explicitamente mencionado recentemente no contexto. Essa parte do mecanismo é, de fato, como dissemos, o componente pragmático, e não será profundamente abordado neste trabalho por conta de seu foco na teoria e processo semântico, porém é um tópico de grande importância que certamente merece discussões.

Dito isto, voltemos ao componente semântico da anáfora. Esse componente é responsável pelas restrições estruturais presentes numa relação anafórica, como, por exemplo, a concordância entre o termo anafórico e seu antecedente, e restrições categoriais como [+animacidade] ou [+humano]. Como podemos ver nos exemplos 16 e 19, temos um termo anafórico que é o pronome feminino e que retoma um referente que também carrega o traço feminino. Porém, esta compatibilidade não está restrita aos gêneros, como no exemplo 20, apresentado a seguir:

(20) João foi comprar um livro, e isso saiu caro.

Neste último exemplo, podemos claramente notar que o termo 'isso' retoma todo o

evento de compra do livro, e não o livro em si, o que nos demonstra que há mais mecanismos de resolução de anáforas do que simplesmente a concordância. Os pormenores do tipo de anáfora que decorre do uso do termo ‘isso’ fogem ao escopo deste trabalho, mas o exemplo é uma demonstração de que as anáforas podem ir além de concordância nominal⁴. Nessa trilha, vamos em direção à relação da anáfora com o tema que é o foco principal deste trabalho, ou seja, como se dá a anáfora do ‘também’-aditivo, dado que argumentamos que esse item é anafórico.

Agora, uma vez demonstrado o comportamento das anáforas, podemos partir para demonstrar as razões para caracterizar o ‘também’ como um termo anafórico.

2.1.1 A anáfora do também

Como demonstramos com a breve descrição da anáfora efetuada pelo pronome ‘isso’, o antecedente da anáfora de ‘também’ pode ser algo diferente de um nome ou mesmo de uma estrutura nominal, e, de particular relevância para este argumento, ela pode envolver um predicado com diferentes graus de complexidade. Com isto em mente, devemos explorar o comportamento do ‘também’ para estabelecer tanto sua função anafórica quanto seu mecanismo de seleção de antecedentes. Para tanto, observemos o exemplo 21:

- (21) -João (foi no parque ontem.)₁
- A Ana também₁.

Em um primeiro momento, é evidente que a segunda sentença do exemplo acima é incompleta na ausência de um contexto apropriado, justamente o comportamento esperado de um item anafórico - em ambos os casos, não teremos condições suficientes, sem um contexto que forneça as informações necessárias, para estabelecermos a proposição veiculada por uma sentença com ‘também’ ou outro item anafórico. Porém, o antecedente não pode ser um nome⁵, e é, por sua vez, a retomada do predicado ‘ir no parque ontem’ que permite a interpretação satisfatória da sentença.

De forma semelhante, para chegarmos ao resultado da interpretação final do diálogo, representado abaixo, é também necessário recorrer a uma anáfora similar, em que o que é retomado, no caso, é o predicado ‘ir à festa ontem’:

⁴ Sobre as anáforas com ‘isso’, cf. Basso (2009).

⁵ Apesar de haver uma relação de adição que acaba por unir os sujeitos das duas sentenças como estando sob a extensão de um mesmo predicado, isto não é indício de que a retomada anafórica se volta ao nome.

(22) João e Ana foram à festa ontem.

É possível, então, argumentar que há uma retomada anafórica envolvida na interpretação de ‘também’; essa constatação, como vimos anteriormente, já é reconhecida e descrita na literatura sobre o tema ao menos desde Green (1968). Em seu trabalho, a autora descreve uma das propriedades do ‘*too*’ (*grosso modo*, o equivalente do ‘também’ na língua inglesa, como já vimos) como "pseudo-pronominalização", justamente mencionando essa capacidade de ‘*too*’, compartilhada pelo ‘também’, de retomar elementos do contexto, de modo similar ao funcionamento de pronomes. É importante, todavia, notar que o apontamento anafórico do ‘também’ é direcionado por meio de seu gatilho pressuposicional (abordado mais detalhadamente na próxima seção, 2.2.), que diz que há mais um elemento sobre o qual tal predicado se aplica, como fica particularmente evidente no exemplo a seguir:

(23) Descalvado⁶ também tem Unimed.

Nesse exemplo, o ‘também’ se apresenta sem um antecedente explícito (i.e., linguisticamente mencionado), porém, para satisfazer sua pressuposição de que há outros elementos relevantes presentes no contexto, há uma rota acessível e saliente para acomodar a pressuposição, sendo ela a de que existem outras cidades, além de Descalvado, que possuem o plano de saúde da empresa Unimed, o que acaba servindo de antecedente para o item anafórico ‘também’.

O mecanismo anafórico do ‘também’ apresenta outra indagação que demanda atenção particular, nomeadamente: qual é, efetivamente, o alvo da anáfora do ‘também’? Afinal, seu processo anafórico não é satisfeito somente por uma retomada de um antecedente, como ‘João’ no exemplo 21, o que sugere que o objeto de sua anáfora está ligado ao predicado que se aplica, no caso, a ‘João’. Isso é precisamente o que ocorre nos exemplos com ‘também’ que vimos até aqui, mas é necessário observar que ele retoma o mesmo predicado, ou seja, se o evento que está sendo tratado é um evento específico, como visto em 24 (a), a retomada realizada é a do mesmo evento. Isso é menos evidente numa repetição do predicado por extenso, como pode ser observado em 24; tal efeito da pressuposição é apresentado em Amsili, Beyssade et al. (2010).

- (24) a. -Pedro foi na festa.
-A Ana também.
b. -Pedro foi na festa.
-Ana foi na festa⁷.
c. João e Ana foram na festa.

Desta forma, observando a retomada anafórica do ‘também’, podemos concluir que, para além de uma retomada anafórica, o ‘também’ aplica ainda uma operação aditiva, visto que 24 (a) tem um conteúdo semântico extremamente próximo de 24 (c). É possível definir este processo por meio de uma consequência natural da pressuposição, conforme a tese apresentada em Amsili, Beyssade et al. (2010); porém, como será demonstrado na seção seguinte, na qual adentraremos mais profundamente no funcionamento pressuposicional do ‘também’, o ‘também’ de fato carrega sua adição como um componente semântico, não só como uma consequência pressuposicional.

Outro ponto importante a ser notado é que a anáfora efetuada por ‘também’, quando esse item retoma um predicado, é exatamente o predicado retomado. Considere os exemplos abaixo:

- (25) a. A: João foi numa festa à fantasia no centro da cidade ontem com entrada permitida somente para maiores de 18 anos, com todas as doses da vacina contra o COVID-19.
b. B: Ah, eu sei, a Maria também.

Na fala de B, Maria tem que ter ido à mesma festa à qual foi João - ‘também’ não pode retomar um predicado que indique outra festa, como "Maria foi numa festa no centro", por exemplo.

Em resumo, ‘também’ é um item que retoma um predicado e adiciona um novo indivíduo ao predicado retomado. Mas, como mencionamos, ‘também’ é também um item pressuposicional, e na seção seguinte exploramos um pouco o fenômeno das pressuposições, mais especificamente, a pressuposição ligada à ‘também’.

2.2 Pressuposições

A pressuposição, no âmbito da semântica das línguas naturais, é uma relação entre duas (ou mais) sentenças, de modo que se A pressupõe B, então para A ser verdadeira ou falsa, B tem que ser verdadeira. Chamamos de itens ou estruturas pressuposicionais os elementos

semânticos que introduzem em uma sentença A a necessidade de que uma outra sentença B seja verdadeira no contexto para que um valor de verdade de A possa ser alcançado. Esta sentença necessariamente verdadeira é o que é chamado de conteúdo pressuposto ou pressuposição de A. Por exemplo:

- (26) a. João parou de fumar. (Conteúdo pressuposto: João fumava).
b. Dimitri descobriu que hoje é sexta. (Conteúdo pressuposto: é sexta-feira).

Como podemos ver com os exemplos acima, não há como julgar em 26 (a) se é verdade ou não que João parou de fumar se não for verdade que ele fumava anteriormente - ou seja, João só pode parar ou não de fumar, se é o caso (i.e., se é verdadeiro) que ele fuma (ou fumava). O mesmo pode ser dito de 26 (b), já que 'descobrir' é um termo que, para ser devidamente satisfeito, demanda que seu complemento seja uma informação verdadeira, caso contrário o resultado seria agramatical.

Desta forma, podemos claramente perceber a relação que existe entre uma sentença e seu conteúdo pressuposto e como isso afeta o estabelecimento das condições de verdade. Uma consequência interessante dessa relação é que o conteúdo pressuposto se mantém o mesmo, independente do valor de verdade da sentença que o pressupõe. Este é justamente o princípio utilizado para a identificação de termos que desencadeiam pressuposições, os chamados "gatilhos pressuposicionais"⁸.

Podemos lançar mão de testes linguísticos para identificar o nexo semântico das pressuposições. Entre eles, tradicionalmente, tal identificação é feita por meio de uma ferramenta chamada de "teste da p-família"(ou teste da família pressuposicional; cf. Chierchia, 2003). Tal teste consiste em certas modificações da estrutura de uma sentença A, e se A pressupor B, então essas modificações de A também pressuporão B. Essas manipulações são:

- (i) a negação de A, que inverte o valor de verdade original de A;
- (ii) a interrogação formada a partir de A; e
- (iii) encaixar A como antecedente de uma estrutura condicional.

Tais manipulações, usadas como teste, podem ser observadas no exemplo a seguir:

⁸ E também é um dos critérios usados para distinguir pressuposição de acarretamento - se A pressupõe B, então A pode ser verdadeiro ou falso desde que B seja verdadeiro; mas se A acarreta B então B é verdadeiro sempre que A for, e nada podemos falar sobre B se A for falso.

- (27) Conteúdo pressuposto: João fumava.
- a. João parou de fumar.
 - b. Não é verdade que João parou de fumar.
 - c. O João parou de fumar?
 - d. Se o João parou de fumar, a esposa dele vai agradecer.

O teste da p-família demonstra claramente que uma sentença A que carrega uma pressuposição B simplesmente não pode ser resolvida na ausência de sua pressuposição, ou seja, ela não é interpretável nem em casos como (c) e (d) em que o seu valor de verdade não pode ser estabelecido, ou a sentença resulta em estranhamento.

Podemos agora abordar outro tipo de pressuposição, em particular, a pressuposição existencial. Esta pressuposição se dá em sentenças que se referem a entidades já familiares no contexto, de forma que se tal entidade não existir a sentença não pode ser interpretada corretamente. Esta pressuposição é comumente disparada por descrições definidas, muito presentes, por exemplo, em menções a cargos, como na sentença 28:

- (28) O professor está chateado.
(Pressuposição: Há um professor (relevante no contexto de fala)).

No exemplo acima, fica clara a existência prévia de um professor⁹, que permite à tal sentença a expressão de um valor de verdade.

O fenômeno da pressuposição se manifesta de diversas formas, como podemos ver na sentença a seguir, que apresenta as seguintes pressuposições¹⁰:

- (29) É o servo que roubou as tortas.
- a. Há um servo, saliente e identificável.
 - b. Há tortas, salientes e identificáveis..
 - c. Alguém roubou as tortas.
 - d. O servo roubou as tortas.

Ao desdobrar as pressuposições desta sentença podemos ver, em primeiro lugar, uma

⁹ Um fenômeno extremamente importante no âmbito das pressuposições é a chamada "acomodação de pressuposição", que, basicamente, dita que, se não houver nada que impeça, uma dada pressuposição exigida por uma dada frase num contexto particular, deve ser tomada como verdadeira (cf. Chierchia (2003)). Trata-se de um mecanismo que garante que pressupostos não precisam ser mencionados o tempo todo, pois, a partir dessa acomodação, eles passariam a fazer parte do contexto conversacional sempre que fossem necessários e não gerarem conflitos com o que já foi dado como verdadeiro naquele contexto conversacional.

¹⁰ O exemplo a seguir é traduzido e adaptado da Enciclopédia de Filosofia de Stanford .

demonstração da diversidade de pressuposições possíveis. Além disso, e mais importante para este trabalho, podemos começar a traçar uma relação entre pressuposições e anáforas. Tal relação é visível ao observarmos cautelosamente a pressuposição 29 (a), introduzida pelo artigo definido ‘o’. Tal pressuposição é similar a um dos passos da retomada anafórica efetuada por pronomes, como podemos ver no próximo exemplo 30

- (30) Ela roubou as tortas.
a. Pressuposição: Há uma pessoa de gênero feminino, identificável e saliente no contexto.

Nesse exemplo, temos uma pressuposição quase idêntica à pressuposição 29, com a diferença de que não há uma especificação do indivíduo por meio do nome, já que tais especificações são relegadas ao contexto, como o esperado para anáforas, dado que sua função principal é apontar para um conteúdo já presente no contexto. De toda forma, podemos ver que a pressuposição está presente no mecanismo anafórico. Sendo assim, a intersecção entre o fenômeno de pressuposição e o de anáfora é de particular relevância¹¹.

A pressuposição que protagoniza tal intersecção é a pressuposição existencial, que é uma pressuposição muitas vezes trivial, porém crucial no mecanismo anafórico. Esta pressuposição é disparada, por exemplo, pelo uso de nomes, tanto os próprios, como em 31 (a), quanto os comuns, que podem ser precedidos tanto por um artigo definido quanto indefinido, como em 31(b) e (c) respectivamente. Também é disparada por pronomes como em 31 (d); por fim, o ‘também’ é mais um item que dispara esse tipo de pressuposição.

- (31) a. João comeu bolo.
b. O cão correu.
c. Um cão fugiu.
d. Ele não quis vir.
e. Ela também não.

Em todos os itens, o conteúdo pressuposto é o de que existe um indivíduo a qual o predicado se aplica, como João em (a), cão em (b) e (c), sendo este um cão específico e familiar no item (b) e um cão genérico em (c), e em (d) e (e) os indivíduos apropriadamente apontados pelas anáforas de ‘ele’ e ‘ela’.

¹¹ É interessante aqui notar a forma com que autores diferentes identificam pressuposição e anáfora. Alguns, como (cf., Sandt e Geurts (1991), Sandt (1992), Geurts (1995) e Geurts (1999), argumentam que a anáfora nada mais é do que um tipo de pressuposição. Outros consideram tal identificação um equívoco, defendendo que se trata, de fato, de dois fenômenos distintos, como Bosch (2001).

Munidos da pressuposição existencial, vamos agora olhar para outra questão pressuposicional que diz respeito ao ‘também’, uma questão demonstrada em Amsili, Beyssade et al. (2010), em que os autores lançam luz sobre como o ‘também’ interage com a pressuposição de unicidade ¹², que é uma pressuposição que flerta com a máxima pragmática da quantidade e pressupõe que os itens mencionados em um dado contexto são os únicos pertinentes à aquele contexto.

Ligado ao ‘também’, a pressuposição de unicidade garante que haja apenas um predicado (contextualmente relevante) que seja anaforicamente retomado por esse item. Assim, sobre as pressuposições de ‘também’, ele demanda que haja algum predicado a ser retomado (anaforicamente) e apenas um.

Com isso, vimos um pouco sobre o que é a pressuposição linguística e como ela se aplica ao ‘também’, bem como quais são as pressuposições que podemos associar a esse item. De posse dos conceitos de anáfora e pressuposição ligados a ‘também’, passemos a seguir à ideia de “lista” de Zhang (2014).

2.3 Coordenações múltiplas e listas

Nesta seção, nosso objetivo é explorar o estudo feito sobre coordenações múltiplas apresentado em Winter (2006), que nos oferece ferramentas para lidarmos com o uso conjuntivo do ‘também’. Tais ferramentas serão refinadas na medida em que exploraremos as ideias de Zhang (2014), que podem ser lidas justamente como uma resposta à análise de Winter (2006), e que nos traz a função de criação de listas, apresentando assim uma forma de abordagem de conjunções em geral que possibilita uma análise compreensiva do uso conjuntivo do ‘também’.

Dado que as ideias de Zhang (2014) são, como dissemos, uma resposta a Winter (2006), comecemos por este último.

2.3.1 Winter (2006) e sua análise das Coordenações Múltiplas

Em Winter (2006), o autor oferece uma proposta para descrever uma forma específica de conjunções e disjunções ¹³, à qual ele se refere como coordenações múltiplas, que consistem

¹² Vale a pena dizer que "pressuposição de unicidade" é um tema bastante prolífico e complexo, e sem consenso quanto a suas particularidades, portanto, neste trabalho será apresentada uma versão alinhada com a apresentada em Amsili, Beyssade et al. (2010).

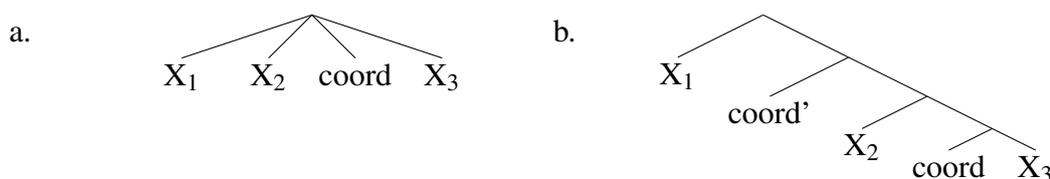
¹³ Apesar da pesquisa do autor ser aplicável também a disjunções, a parte pertinente a nós do seu trabalho é a que se refere a conjunções.

de coordenações com três ou mais itens que permitem a omissão dos itens coordenadores, como observado no exemplo 32(a) e (b), em oposição ao item (c), que exemplifica uma coordenação simples.

- (32) a. João, Paula e Ana brincaram.
 b. João, Alberto, Augusto, Paula, Ana e Giovana brincaram.
 c. João e Ana brincaram.

Em seu artigo, Winter (2006) argumenta a favor de uma forma de análise que cria entradas sintáticas distintas para cada um dos elementos da coordenação. Para tanto, ele debate as vantagens e desvantagens de uma abordagem semanticamente aninhada ou plana, que podem ser visualizadas nos seguintes esquemas:

(33) Coordenações



Nesses diagramas, podemos ver as duas formas de descrever sintaticamente coordenações múltiplas: a primeira delas é (a) uma abordagem plana, que significa que todos os itens são incluídos na mesma posição sintática, sem hierarquia entre eles; enquanto que na segunda delas, em (b), temos cada item sendo adicionado como um item hierarquicamente distinto. Por isso, essa abordagem é chamada de abordagem hierárquica ou aninhada.

Ao longo do seu texto, o autor sistematicamente estabelece fundamentalmente que uma abordagem plana é a mais interessante para lidar com as coordenações múltiplas, demonstrado de forma breve pelo seguinte exemplo¹⁴:

- (34) a. Dylan e Simon e Garfunkel fizeram muitos shows nos anos 60.
 b. Dylan, Simon e Garfunkel fizeram muitos shows nos anos 60.

Como podemos observar, em (a) a interpretação mais saliente ¹⁵ é a de que estamos falando de algum número de shows performados por Bob Dylan, somado ao número de shows performados pela dupla Simon e Garfunkel. Por sua vez, em (b) não há a possibilidade dessa

¹⁴ Traduzido e adaptado do exemplo 11 de Winter (p. 06, 2006).

¹⁵ Especialmente considerando a prosódia típica dessa estrutura que apresenta uma "aceleração" ao mencionar a dupla Simon e Garfunkel.

mesma interpretação, há simplesmente uma interpretação mais geral de shows performados por esses artistas, sem um agrupamento particular de quaisquer um deles. O autor argumenta que isso se deve ao fato de que em (a) temos uma coordenação de coordenador repetido, que difere da coordenação múltipla na medida que a partícula coordenadora (no caso ‘e’; no exemplo, original ‘and’) é repetida a cada novo item da coordenação. Neste caso de coordenação de coordenador repetido, temos a possibilidade de uma estrutura hierárquica, na qual dois itens, ‘Simon’ e ‘Garfunkel’ compartilham o mesmo nível hierárquico que o item ‘Dylan’. Sendo assim, seus subcomponentes, por sua vez, necessitam estar num nível hierárquico diferente.

No entanto, fenômenos como *type shifting*, explicados em Partee (2005), abordando principalmente o trabalho anterior Partee e Rooth (1983), trazem complicações para uma abordagem plana, requerendo, ao menos em princípio, algum grau de hierarquização. Portanto, o autor conclui que é necessária uma abordagem plana com algumas ressalvas que ajudem a acomodar os fenômenos que trazem problemas para essa proposta de solução.

Agora, com o texto superficialmente delimitado, entremos em mais detalhes acerca de cada uma das propostas apresentadas no texto em questão. Inicialmente, cabem breves definições de alguns dos conceitos usados no texto.

Em primeiro lugar, é importante termos clareza sobre o que torna uma estrutura plana ou aninhada no contexto de coordenações múltiplas. A grande diferença que o autor nota é, efetivamente, a modularidade da estrutura em uma estrutura plana, na qual as operações só podem ocorrer sobre todos os membros, enquanto a abordagem aninhada permite melhor o desmembramento dos elementos de partes diferentes da coordenação a serem aplicados de formas distintas de acordo com o contexto. Essas questões serão analisadas mais detalhadamente na medida em que explorarmos os argumentos apresentados pelo autor que são favoráveis e contrários a cada uma.

Em segundo lugar, é necessário definir um outro contraste trazido pelo autor, sendo esse o contraste entre coordenações repetidas e coordenações múltiplas. Para essas coordenações, utilizaremos siglas que usam a lógica determinada pelo autor, porém traduzindo-as para o português, de forma a resultar em CR (coordenações repetidas) e CM (coordenações múltiplas), respectivamente, sendo CR uma forma de coordenação em que a partícula coordenadora, tipicamente ‘e’ ou ‘ou’, é repetida em cada item da coordenação, e sendo CM quando somente a última instância da partícula coordenadora é explicitamente presente, como mostra o seguinte

exemplo 35, sendo o item (a) uma CM e o (b) um CR.

- (35) a. Não é permitido cantar alto, dançar e bater o pé.
b. Não é permitido cantar alto e dançar e bater o pé.

Agora, voltemos ao debate proposto pelo autor sobre a vantagem de uma abordagem plana ou aninhada, começando pelos argumentos em favor da estrutura plana, nos quais o autor menciona o exemplo 35 acima, afirmando que o item (b), por consequência de ser uma CR, é afirmativamente uma estrutura aninhada, e, como tal, permite, sob a prosódia adequada, a leitura de que há duas proibições em jogo: uma de [cantar alto e dançar] e outra de [bater o pé]. Já para o item (a), essa mesma interpretação não é possível. Sendo assim, essas diferenças sugerem que a estrutura não é aninhada, e dão preferência para a tese de que CMs são estruturas planas.

Outro argumento a favor desta perspectiva se encontra no fenômeno “left subordinating and”, exemplificado como veremos a seguir em 36:

- (36) a. Mais um pio, e o chinelo vai cantar
b. Bebe outra cerveja, e eu vou embora.

É importante notar que, nesses exemplos, o ‘e’ estabelece uma relação de subordinação condicional entre a primeira cláusula de cada um dos exemplos (‘Mais um pio’ em (a) e ‘Bebe outra cerveja’ em (b)); sendo assim, o ‘e’ responsável pela subordinação não pode ser o ‘e’ do fim de uma CM, afirmação corroborada por Culicover e Jackendoff (2005), em que autores argumentam que há uma ambiguidade na palavra ‘and’, que pode ser subordinativa ou coordenadora. De tal forma que, com uma interpretação hierárquica de coordenação múltiplas, é possível estabelecer a subordinação, como demonstrado em:

- (37) a. Mais um pio e uma farra e eu vou embora.
b. ? Mais um pio, uma farra e eu vou embora.

16

No item (a), podemos ver que a subordinação ainda funciona como o esperado; porém, para o item (b), há significativamente mais ruído, o que é consistente com a estrutura necessária para a “left subordinating and” dado que o ‘e’ final desta estrutura efetua uma função distinta do ‘e’ anterior, portanto resultando em uma possível ambiguidade sobre o conteúdo sintático-

¹⁶ Nos itens desse exemplo, há uma possibilidade de interpretar a pausa entre os primeiros dois itens como uma disjunção, mas, para efeitos de tentar comunicar uma conjunção, o ruído persiste.

semântico do ‘e’.

Com base nisso, o autor diz que tanto a estrutura CR, como as de 36, quanto a perspectiva aninhada de uma estrutura CM como a de 37 (b) tem a necessidade específica de uma distinção entre dois usos do ‘e’, caso contrário, a sentença do item 37 (b) deveria ser gramatical. Já a perspectiva plana de descrição de CMs torna desnecessária essa distinção semântica do ‘e’, dado que de qualquer forma para o *left subordinating* se manifestar é necessário um tratamento distinto de uma das cláusulas, o que já o tornaria incompatível com uma perspectiva plana, mesmo antes de determinar se essa diferença sintático-semântica da cláusula é promovida por um ‘e’ distinto ou qualquer outro mecanismo. Assim determinando que a interpretação plana é vantajosa por evitar a necessidade de resolver esta questão da ambiguidade do ‘e’.

Na sequência, o autor apresenta as razões para questionar a estrutura plana em favor de uma aninhada. Tais razões se baseiam centralmente no conceito de *type shifting* de Partee e Rooth (1983).

Basicamente, para o caso em questão, *type shifting* se refere a uma alteração do tipo semântico dos verbos transitivos entre uma leitura *de dicto* e uma *de re*, que afetam o tipo de complemento que receberão, sendo dessas formas que os verbos transitivos em questão são interpretados - de modo bastante simplificado, a *de re* se refere a um objeto específico e a *de dicto*, a uma ideia genérica de um objeto, como no exemplo 40.

- (38) a. João comeu um bolo.
b. João quer um bolo.

No exemplo em (a), há uma possibilidade bastante saliente de que a sentença se refira a um bolo específico no contexto, o que seria uma leitura *de re* de ‘um bolo’, enquanto que em (b) é bastante saliente a possibilidade de que a sentença não está apontando a um bolo específico mas sim à ideia geral de bolo, o que seria uma leitura *de dicto*¹⁷.

Dito isto, o fenômeno de *type shifting* ocorre quando uma sentença coordena dois verbos, sendo que um deles promove uma leitura *de dicto* e outro promove uma leitura *de re* sobre o mesmo objeto, como em 39.

¹⁷ Sendo que algumas restrições pragmáticas de contexto se aplicam, como, por exemplo, um conhecimento compartilhado de preferência de bolo do João ou mesmo de algum sabor específico que ele goste. Tal dependência de contexto é inerente à leituras *de dicto*.

(39) João procurou e comprou um bolo.

Nesse exemplo, o primeiro verbo, ‘procurar’, permite mais facilmente uma leitura *de dicto* de que o bolo que estava sendo procurado não era um bolo específico; por sua vez, o segundo verbo, ‘comprar’, direciona mais diretamente a uma instância de bolo específico, o que seria uma leitura *de re* de ‘um bolo’. Portanto, a tipologia dos verbos, que é consequência da leitura adequada, cria problemas para a coordenação, uma vez que a seleção de entidades a serem coordenadas depende de ambas serem do mesmo tipo.

Sendo assim, o autor faz sua argumentação com base em casos de *type shifting* como 40:

- (40) a. Maria buscou, encontrou e comeu um peixe.
b. João procurou, comprou e vestiu uma jaqueta nova.

Nesses exemplos, em cada um dos casos, há uma mistura de interpretações para os verbos *de dicto* e *de re*, sendo ‘buscou’ e ‘procurou’ os verbos com interpretação preferencialmente *de dicto* e os demais verbos (‘encontrou’, ‘comeu’, ‘comprou’ e ‘vestiu’) com interpretação preferencialmente *de re*, requerendo assim que, para uma leitura *de dicto*, parte da coordenação teria de ser processada de uma forma genérica ou não-específica, especificamente para o caso dos verbos ‘buscou’ e ‘procurou’, enquanto o restante dos verbos tem uma referência específica, a jaqueta ou o peixe, alvos de uma interpretação *de re*. Ou seja, uma estrutura plana seria incapaz de comportar esse tipo de fenômeno, pois todas as operações deveriam ser aplicadas consistentemente. Assim, esta análise é inviável sob a ótica plana.

Diante desse problema, a solução de Winter (2006) consiste de um mecanismo lógico que opera, em linhas gerais, da seguinte forma: em um primeiro momento todos os itens são concatenados logicamente de forma a ocuparem um único argumento, igualando a tipologia dos verbos por meio do mecanismo de *argument raising* que é, essencialmente, nivelar “subindo” todas as leituras *de re* para *de dicto* quando múltiplas instâncias ocorrem, uma vez que mudanças nessa direção são sempre possíveis, porém no sentido oposto isso não é verdade.

Ou seja, o autor nota que a interpretação plana do funcionamento das coordenações múltiplas é preferível, pois é a maneira que melhor acomoda a sintaxe e a semântica desta estrutura como mostrado acima. Ao mesmo tempo a necessidade de *type shifting* apresenta uma dificuldade para a abordagem plana, pois ela necessita de dois tipos semânticos para determinados

argumentos, o que sugere algum grau de distinção dentro dos termos coordenados, o que, ao menos em primeiro momento, é incompatível com uma interpretação plana.

Por conta desta inconsistência, o autor sugere uma nova abordagem do fenômeno, tornando a estrutura de certa forma híbrida; ela é fundamentalmente plana, porém, o processo que produz essa estrutura plana é derivado de uma aplicação funcional recursiva, permitindo assim que, durante a iteração recursiva, parte dos itens da coordenação seja alterada por *type shifting*. A operação recursivamente proposta e aplicada por Winter (2006) consiste em lançar mão de um operador que concatena todos os itens de uma coordenação em um item só, ao mesmo tempo que estabelece uma regra de processamento dessa concatenação que permite tanto resolver o *type shifting* quanto comportar disjunções, e também permite a decisão entre uma aplicação coletiva e uma aplicação distributiva.

Podemos então vislumbrar tanto um pouco da problemática sintático-semântica que envolve coordenações múltiplas quanto a saída proposta por Winter (2006). É diante de um tal quadro que Zhang (2014) faz sua proposta de análise, à qual nos voltamos a seguir.

2.3.2 Zhang (2014) e as listas

Tomando a análise de Winter (2006) como ponto de partida, a pesquisadora Linmin Zhang em Zhang (2014), sugere uma outra forma de descrever CMs, que, segundo a autora, pode também superar alguns dos problemas colocadas pela análise de Winter (2006).

Em contraponto à análise proposta em Winter (2006), Zhang (2014) questiona dois pontos que o autor descreve a respeito de coordenações múltiplas. O primeiro deles é a ausência da preservação da ordem dos elementos coordenados na análise de Winter (2006). O segundo é que, de acordo com a autora, a descrição de Winter (2006) é demasiada abrangente, de forma que, em certos contextos, julgaria como gramatical sentenças agramaticais.

Sobre a retenção de ordem, a autora argumenta que coordenações múltiplas têm como propriedade inerente a retenção da informação da ordem dos elementos coordenados, como pode ser visto no exemplo 41, adaptado do exemplo 4 de Zhang (p. 2, 2014).

- (41) a. Os últimos três campeões de Roland Garros foram Nadal, Federer e Nadal.
b. Os últimos três campeões de Roland Garros foram Nadal, Nadal e Federer.
c. Os últimos três campeões de Roland Garros não foram Nadal, Federer e Nadal, mas Nadal, Nadal e Federer.
d. Os últimos três campeões de Roland Garros foram Nadal, Federer e Nadal, **(respectivamente)**, # mas não necessariamente nesta ordem.

Nessa sequência de exemplos, a autora argumenta que as diferenças entre 41 (a) e (b), em que há apenas uma mudança na ordem na qual os tenistas aparecem, demonstram que a coordenação, nesses casos, não contém somente os tenistas que ganharam o torneio nos últimos anos, mas também a ordem que o fizeram, o que mostra retenção da ordem na coordenação¹⁸. Tal ponto é especialmente visível no item (c), no qual as duas coordenações são contrastadas. Por fim, o item (d) demonstra que é impossível, neste contexto, apagar a ordem.

A segunda crítica de Zhang (2014) a Winter (2006) é de que a descrição do autor não apresenta um critério rígido o suficiente para a ocultação do ‘e’ em coordenações múltiplas, permitindo sentenças como a apresentada no exemplo 42 a seguir, traduzido e adaptado do exemplo (7) de Zhang (p. 3, 2014):

- (42) Al, Bill e Cal, Jo sorriram. (Com intenção de significar: Al, Bill, Cal e Jo sorriram.)

Nesse exemplo, a autora demonstra o que julga ser a falta de critério encontrada na análise de Winter (2006), pois, de acordo com a leitura de Zhang (2014), o ‘e’ tem a liberdade de ser silencioso em quaisquer de suas ocorrências, desde que ao menos uma seja explícita - e, como podemos ver, isso não é possível com o exemplo acima.

Para resolver estas críticas a autora propõe uma nova maneira de descrever coordenações múltiplas embasada em um conceito de função de “lista”.

Esta descrição é fundamentada em três funções chave, que são (i) uma função criadora de lista, (ii) uma função de seleção, e (iii) uma função distributiva. Por razões de clareza, é mais interessante apresentar as funções na ordem reversa da qual elas são aplicadas numa análise.

A função distributiva (iii), conforme descrita por Zhang (2014), é uma função que utiliza informações do contexto para determinar de que forma permitir o acesso do predicado à lista: por meio de um acesso distributivo ou coletivo aos elementos da lista.

¹⁸ Esta afirmação será contestada posteriormente em nosso trabalho, já que a retenção de ordem argumentada pela autora pode ser explicada por fatores externos à coordenação.

A função (ii) é uma consequência dessa ferramenta descritiva ser concebida para lidar com CMs. Como elas podem ser tanto conjuntivas quanto disjuntivas, essa função é a parte responsável por diferenciar entre essas duas possibilidades, de forma que quando se trata de uma conjunção essa função é executada como uma função de identidade da lista, e quando se trata de uma disjunção esta função seleciona um subconjunto da lista. Como o objeto deste trabalho é analisar o ‘também’-aditivo que tem propriedades conjuntivas, essa função será ignorada no restante do trabalho.

Por fim, a função (i) é uma função de criação de “lista”, que é uma função recursiva responsável por incluir cada elemento da coordenação a um conjunto ordenado, ou seja, uma lista. Assim, de acordo com a autora, listas são uma espécie particular de conjunto, em que a informação da ordem em que membros passam a ser parte deste conjunto é definida e preservada.

Olhando cautelosamente para essa análise, vemos que as regras de concatenação e de distributividade estão simplificadas pelo conceito da lista, o que nos permite, dentro do modelo, operar por uma entidade lógica plural, o que, por sua vez, reduz a complexidade dos operadores necessários para que a CM seja descrita.

A descrição funcional presente em Zhang (2014) e apresentada nesta seção, apresenta, de fato, vantagens na descrição de conjunções, porém como parte da proposta de descrever o ‘também’ neste trabalho, iremos propor uma mudança iterativa na formulação oferecida pela autora, como veremos na próxima sessão.

2.4 Uma proposta para as listas

Nesta seção, cabe uma revisão da função descrita em Zhang (2014), visto que, como está, a noção de lista pode gerar resultados incorretos que podem ser reparados com pequenas mudanças em sua definição.

A primeira delas, é no que a autora se refere à ordem produzida por uma coordenação, conforme apresentado no exemplo 41 aqui repetido como 43:

- (43) a. Os últimos três campeões de Roland Garros foram Nadal, Federer e Nadal.
b. Os últimos três campeões de Roland Garros foram Nadal, Nadal e Federer.
c. Os últimos três campeões de Roland Garros não foram Nadal, Federer e Nadal mas Nadal, Nadal e Federer.
d. Os últimos três campeões de Roland Garros foram Nadal, Federer e Nadal, **(respectivamente)**, # mas não necessariamente nesta ordem.

No exemplo em questão, podemos de fato perceber que a ordem é preservada e recuperável na coordenação. Porém, a nosso ver, isso não é suficiente para justificar que coordenações seriam listas na realidade¹⁹, pelo contrário, há evidências, desde pelo menos o famoso texto de Grice sobre lógica e conversação, da década de 1970, de que é impossível que coordenações tenham uma ordem rigidamente determinada²⁰.

Portanto, a preservação de ordem do exemplo não é de fato uma consequência do funcionamento das coordenações, mas sim uma interação entre a coordenação e a presença de um elemento como ‘os últimos’, que já indica uma estrutura ordenada, assim trazendo atenção para a ordem na qual a coordenação é estruturada e apresentada. Concluimos que tal ordem, apesar de observável e acessível, é um artefato da linearidade da produção linguística, que é acessível por termos como ‘respectivamente’, e também, como vimos com o exemplo acima, ‘os últimos’. Então, atribuímos a preservação da ordem dessa coordenação ao uso de ‘os últimos’²¹. Por consequência, não faz mais sentido falar em termos de listas, uma vez que, se a ordem for desconsiderada, trata-se de um conjunto típico. Sendo assim a versão desse conjunto de funções daqui em diante será referido por “Função Coordenadora”.

O segundo problema que notamos na proposta da autora se refere à forma com que Zhang (2014) lida com a distributividade ao afirmar que se trata de uma função parcialmente aplicada pela coordenação em si e pelo restante do predicado. Ao contrário, argumentamos que esta questão de distributividade é de inteira responsabilidade dos verbos, uma vez que sentenças cuja única mudança está no verbo que participa da coordenação, mudam a distributividade

¹⁹ Como vimos, listas, de acordo com a autora, são uma espécie particular de conjunto em que a informação da ordem em que membros passam a ser parte desse conjunto é definida e preservada.

²⁰ A não existência de contradição em sentenças como “João casou e teve filhos, mas não nesse ordem”, pode ser tomada como evidência, entre várias outras, de que coordenações não implicam, semanticamente, em ordem, mas apenas pragmaticamente. Exceções a isso seriam justamente termos ou contextos que demandam ordem, como expressões que sequencializam conjuntos, como ‘os últimos’.

²¹ Mesmo que essa análise esteja incorreta quanto ao uso de ‘os últimos’, ainda há uma escassez de evidências para uma afirmação tão abrangente quanto: “Todas as coordenações preservam informação de ordem”, especialmente em vista de evidências do contrário.

esperada, como no exemplo 44 a seguir:

- (44) a. Rafael, Marina e Jon sorriram.
- b. Rafael, Marina e Jon se abraçaram.

No item (a) do exemplo acima, só há a possibilidade de uma aplicação distributiva do predicado; por sua vez, no item (b) há a possibilidade de distributividade, imaginando que foram múltiplos abraços, porém há também a possibilidade de que seja um único abraço envolvendo os três. Não há evidências sugerindo que a coordenação é responsável pela interpretação distributiva, mas sim que isso fica a cargo da função exercida pelo verbo. Essa perspectiva adicionalmente tem o benefício de nos permitir a oportunidade de incluir a possibilidade de ocorrer *type shifting*, na medida que seja necessário, juntamente com a distributividade, como pode ser observado no exemplo 45:

- (45) a. Maria buscou, encontrou e comprou um peixe.
- b. Maria buscou, encontrou e comprou o mesmo peixe.

No item (a) deste exemplo temos uma aplicação distributiva dos verbos ao predicado, ou seja, cada verbo é aplicado ao predicado independentemente. Antes de prosseguir é necessário explicitar uma questão, sendo esta a de que a distributividade de uma coordenação de verbos é certamente distinta da distributividade de uma coleção de nomes, e temos a questão de se todos os verbos são aplicados em conjunto ao mesmo nome (ou grupo de) ou, no caso da aplicação especificamente à um grupo de nomes, se os verbos serão aplicados de maneira distributiva ou coletiva, como descrito anteriormente²². Retornando ao exemplo, podemos ver que, partindo da leitura *de dicto* de ‘um peixe’, podemos resolver os primeiros dois verbos sem maiores problemas: foi buscado um peixe indeterminado e foi encontrado um peixe indeterminado, nenhum deles necessita ter uma relação inerente de ter sido o mesmo peixe que Maria buscava, especialmente considerando a interpretação *de re* que justamente exige que o peixe em questão seja genérico por natureza; porém, na aplicação do verbo ‘comprou’ temos a necessidade de *type shifting* para ‘um peixe’ *de re* e não há problemas de aplicá-la apenas ao verbo ‘comprou’, uma vez que, nesta altura, temos a necessidade de reduzir a análise a um peixe específico, e, no caso, o contexto oferece o peixe efetivamente encontrado como alvo desta recuperação. Sendo assim, a leitura

²² Neste trabalho não pretendemos dar uma resposta definitiva sobre a questão das nuances de como a distributividade funciona, mas sim mostrar que algumas manobras são possíveis dentro da estrutura que propomos e isso promove um ganho explicativo. Para maiores discussões sobre o assunto ver Champollion (2014)

do mesmo peixe para todas as instâncias é plenamente acessível por mecanismos pragmáticos. Dessa maneira, a nova função coordenativa que propomos é compatível com a manobra de *type shifting* de Winter, porém numa estrutura mais enxuta.

Em resumo, essas são as ferramentas teóricas que precisamos ²³ mobilizar para lidar com o ‘também’-aditivo: anáfora a um predicado, pressuposição de existência e unicidade e a função de lista.

No próximo capítulo, apresentaremos a abordagem de Amsili e Beyssade (2010) para o francês ‘*aussi*’, para então mostrarmos suas limitações. O intuito de fazer isso é não só apresentar uma abordagem recente e interessante para o ‘*aussi*’, que em princípio se aplica ao ‘também’, mas também utilizá-la como ponto de comparação ao que propomos ser a semântica desse item.

²³ A rigor, a nova função coordenativa não é essencial para a proposta de descrição do ‘também’, mas, no intuito de utilização de mecanismos independentemente motivados, optamos por selecionar uma proposta recente e efetiva. Porém, não há razões para outras maneiras de lidar com coordenação serem, em princípio, incompatíveis com nosso modelo.

3 CAPÍTULO 3 - UMA ANÁLISE PARA O ‘TAMBÉM’

Neste capítulo, apresentamos a análise de Amsili e Beyssade (2010) para o item ‘*aussi*’, do francês, que pode ser também aplicada aos itens ‘*too*’, do inglês, e ao ‘também’ do português brasileiro. Essa análise é bastante sofisticada e lida com vários dos usos de ‘também’ (e seus semelhantes em outras línguas), além de mobilizar uma série de conceitos independentemente motivados. Entre eles, talvez o mais importante seja o princípio conhecido como "maximize as pressuposições", encontrado inicialmente nos trabalhos de Percus (2006), Sauerland (2008) e Schlenker (2008). A abordagem de Amsili e Beyssade (2010) será o tópico da seção 3.1.

Mesmo com todos os méritos que essa abordagem possui, ela não dá conta de uma importante interpretação disponível para ‘também’, que apresentaremos na seção 3.1.1. Muito simplificada, segundo Amsili e Beyssade (2010), itens como ‘também’ não fariam contribuição proposicional, pois seriam itens exclusivamente pressuposicionais; no entanto, os exemplos que estudaremos em 3.1.1. mostram que esse não pode ser o caso.

Diante dessa crítica, fornecemos uma nova abordagem para o ‘também’, que mobiliza os conceitos apresentados no capítulo 2. Nossa abordagem, que será apresentada na segunda parte deste capítulo, na seção 3.2., não somente dá conta de todos os casos analisados por Amsili e Beyssade (2010), mas também dos casos apresentados em 3.1.1., sendo, portanto, empiricamente mais abrangente, econômica, bem como baseada em noções independentemente motivadas.

Passemos, então, ao trabalho de Amsili e Beyssade (2010).

3.1 A abordagem de Amsili e Beyssade (2010)

Como adiantamos, em seu trabalho Amsili, Beyssade et al. (2010), os autores tomam a direção de explicar o funcionamento do ‘*too*’, do inglês, e o ‘*aussi*’, do francês, de uma forma estritamente pressuposicional, isto é, sem considerar que itens desse tipo contenham algum conteúdo proposicional ¹, defendendo que o ‘*too*’ dispara um tipo particular de pressuposição chamado de “pressuposição obrigatória”, caracterizada por trazer redundância de informação, ou seja, trata-se de uma partícula que (i) não tem conteúdo proposicional mas que, ao mesmo tempo,

¹ No texto, a linguagem especificamente usada pelos autores é "triggers with no asserted content" que, para fins desta discussão, pode ser traduzido simplesmente como "gatilhos sem conteúdo proposicional".

(ii) é necessária/obrigatória em certos contextos sintático-semânticos, como no exemplo 46, abaixo:

- (46) a. John is sick, Mary is sick too.
John está doente, Mary esta doente também
- b. John is sick, Mary is sick \emptyset .
John está doente, Mary está doente \emptyset .

Como podemos observar, nenhuma das opções são estritamente agramaticais. Mesmo assim, os autores notam que há uma preferência pela forma apresentada em (a),² que seria justificada pelo princípio de maximização de pressuposições, introduzido por Sauerland (2008).

O princípio da maximização de pressuposição propõe que uma contribuição conversacional deve pressupor tanto quanto possível, ou seja, sempre que possível um falante deve escolher um item ou uma construção ou formulação linguística que carregue o máximo possível de pressuposições no contexto relevante frente a uma alternativa plausível nas mesmas circunstâncias, porém que carregue menos pressuposições. A ideia é que, caso o falante não opte por maximizar as pressuposições, então o ouvinte pode inferir que os pressupostos não se aplicam naquela conversação. Tal fenômeno pode ser observado no exemplo 47, traduzido e adaptado do exemplo 30 de Percus (p. 15, 2006)³.

- (47) a. # Cada professor com exatamente dois orientandos passou o mesmo trabalho para todos os seus orientandos.
- b. Cada professor com exatamente dois orientandos passou o mesmo trabalho para ambos os seus orientandos.

No exemplos acima, vemos a preferência do uso de ‘ambos’, dado que ele pressupõe exatamente duas entidades, como é o caso. Por sua vez, o item ‘todos’ não carrega tal pressuposição, portanto é preterível ao ‘ambos’.

Munidos dessa ideia, Amsili e Beyssade (2010) argumentam que o uso de ‘too’ estabelece uma relação contrastiva com \emptyset , pois a presença de ‘too’ pressupõe que existe algum outro indivíduo que também satisfaz o predicado presente na sentença (no caso de 46, esse predicado seria justamente ‘estar doente’/‘*being sick*’). Dado que neste contexto a pressuposição

² Nos contrastes oferecidos pelos autores, apesar da forma (a) do exemplo ser preferível à (b), há uma omissão de que seria razoável afirmar que a forma mais natural de se veicular essa informação seria ‘John e Mary estão doentes.’, de modo que, na verdade, todas estas formas provocam algum grau de preterência por conflitar parcialmente com a máxima pragmática de modo. Tal conflito poderia ser justificado por razão de deixar alguma parte da mensagem em destaque, mas, nos contextos em questão, esse não parece ser o caso.

³ Para mais detalhes, ver Schlenker (2008) e Percus (2006).

de ‘*too*/também’ é satisfeita no caso de Mary estar doente (por conta do princípio de maximizar pressuposição), o uso de \emptyset é inadequado, resultando assim na obrigatoriedade do ‘*too*/também’ em contextos dessa natureza para evitar estranheza.

Como podemos ver, não há compromisso algum com ‘também’ ter conteúdo proposicional, pelo contrário, seu uso é justificado como obrigatório em contextos nos quais o contraste se dá entre ‘também’ e outro item, que podem não ter realização superficial em termos das pressuposições que carregam.

Tal abordagem para o ‘também’ é enxuta, interessante e certamente econômica por basear-se num princípio (i.e., "maximizar pressuposições") que é independentemente motivado. Porém, como veremos abaixo, essa abordagem não dá conta de alguns casos e, sendo assim, é empiricamente inadequada.

3.1.1 Críticas a Amsili e Beyssade (2010)

Iniciaremos nossa crítica à abordagem de Amsili e Beyssade (2010) com um contraexemplo à afirmação de que ‘também’ não tem conteúdo proposicional (assertado); tal contraexemplo é visto em 48 abaixo – nesse exemplo, ambas as sentenças 48(a) e 48(b) são válidas, porém - e isso é crucial - possuem conteúdos proposicionais diferentes.

- (48) a. Compra um McLanche Feliz, mas se você tiver com muita fome compra um Big Mac.
Buy a Happy Meal, but if you are really hungry buy a Big Mac.
- b. Compra um McLanche feliz, mas se você tiver com muita fome compra um Big Mac também.
Buy a Happy Meal, but if you are really hungry buy a Big Mac too.

Como a leitura e interpretação desses exemplos demonstra, não só a partícula ‘também/-too’ não se faz obrigatória, como traz conteúdo assertivo/proposicional, uma vez que temos uma mudança clara na semântica da sentença, que na ausência do ‘também’ veicula uma alternativa entre dois lanches, já na presença do ‘também’ temos uma alternativa entre um lanche e dois lanches. Isto é claramente além do que uma pressuposição pode alterar no conteúdo, ou seja, o ‘também’ tem conteúdo proposicional, o que contraria um aspecto chave da descrição de Amsili e Beyssade, que afirmam que *too* não tem conteúdo assertivo/proposicional: “We claim that obligatoriness defines a sub-class of presupposition triggers, characterized by the fact that they

have no asserted content.”⁴ (p. 18, 2010).

Esse exemplo também mostra que há mais em ‘*too/também*’ do que somente ser um gatilho de pressuposição obrigatória, uma vez que a opção sem o ‘*too/também*’ é perfeitamente aceitável, causando uma interpretação de que a sugestão é uma escolha entre duas opções, sendo uma o McLanche Feliz/Happy Meal e a outra o Big Mac. Porém, quando se inclui o ‘*too/também*’ ao fim da segunda opção, ela deixa de ser uma sugestão de apenas um Big Mac e passa a incluir o McLanche Feliz/Happy Meal. Sendo este o caso, o gatilho de pressuposição obrigatório de Amsili e Beyssade (2010) não se faz suficiente para justificar essa opção, uma vez que pressuposições não têm poder para afetar rigidamente o conteúdo assertivo/proposicional de sentenças, o que é o caso neste contexto.

Notamos ainda que, apesar de o contexto sintático apresentado em 48 ser significativamente diferente do apresentado em 46, a função de ‘*too/também*’ parece ser a mesma, ou, ao menos bastante similar, o que aponta, em um primeiro momento, para que seja a mesma partícula, com mesma função semântica.

Sendo assim, podemos adiantar a conclusão de que ‘*também*’ tem algum conteúdo proposicional (além de pressuposicional) e perguntar: o que causa uma diferença proposicional entre 48 (a) e (b)? A resposta parece incidir na propriedade anafórica do ‘*também*’. Tal propriedade é capaz, como argumentaremos, de explicar tanto contextos similares aos vistos em 48, como a preferência pela forma com o ‘*também*’, como visto em 46, aqui repetido como 49.

- (49) a. John is sick, Mary is sick too.
John está doente, Mary esta doente também
b. John is sick, Mary is sick \emptyset .
John está doente, Mary está doente \emptyset .

Tal preferência pode ser explicada como a mesma forma de preferência de quando um pronome é acessível, ou mesmo esperado, mas o contexto apresenta uma repetição do nome original, como em 50.

- (50) a. Rita veio aqui ontem, e a Rita quis assistir TV, aliás a Rita adora as séries que eu assisto.
b. Rita veio aqui ontem, e ela quis assistir TV, aliás ela adora as séries que eu assisto.

⁴ Em tradução livre: “Propomos que a obrigatoriedade define uma subclasse de gatilhos pressuposicionais, caracterizada pelo fato de não terem conteúdo assertivo”.

Nesses exemplos, é evidente a preferência pela forma (b), e o conceito de maximizar pressuposição pode ser parte dos fatores envolvidos para que isso aconteça, uma vez que anáforas têm um componente pressuposicional, ou seja, existe uma pressuposição disponível quando empregamos pronomes, e, portanto, é desejável que essa pressuposição seja mobilizada.

Portanto, concluímos a crítica em dois pontos chave. O primeiro se deve ao fato de que termos anafóricos não são vazios de conteúdos proposicionais, eles buscam conteúdo proposicional de outra parte do contexto. O segundo ponto se encontra na aplicação do conceito de maximizar pressuposição, utilizado pelos autores em Amsili, Beyssade et al. (2010). O conceito de maximizar pressuposição em si não apresenta problemas, porém contestamos a natureza da pressuposição atribuída à *'too'* em Amsili, Beyssade et al. (2010). Os autores argumentam que aquela é uma pressuposição que suspende a pressuposição de unicidade,⁵ que é introduzida por sentenças afirmativas como *'João está doente'*, do exemplo 49(a).

Neste trabalho, afirmamos que este não é o caso, que a pressuposição que justifica a efetiva obrigatoriedade do *'também'* é a pressuposição que é introduzida por consequência de uma anáfora, que é a pressuposição de que há uma instância anterior do predicado no contexto que está sendo retomado, que é saliente e identificável de tal forma que o princípio de maximizar pressuposição pode ser utilizado para justificar o efeito de obrigatoriedade do pronome em 50, que, como anteriormente demonstrado, é comparável ao caso de 49. Ou seja, maximizar as pressuposições ainda é um fenômeno aplicável a esta situação, porém, a pressuposição é de uma natureza distinta do que a apresentada em Amsili, Beyssade et al. (2010).

Passemos a seguir a uma exposição mais sistemática da nossa proposta.

3.2 Costurando a análise

Ao longo deste trabalho apresentamos propriedades semânticas do *'também'* e algumas análises prévias sobre o seu funcionamento considerando dados de outras línguas. Apresentamos adicionalmente críticas a algumas dessas análises, bem como as ferramentas que julgamos serem necessárias para fundamentar tais críticas. O que nos traz ao passo atual do trabalho, que consiste em estabelecer uma análise do item *'também'* em uso aditivo que acomode as críticas apresentadas sem deixar pelo caminho os avanços das análises anteriores (i.e., cobrindo, pelo

⁵ Há muitas discussões sobre a pressuposição de unicidade, inclusive sobre sua própria existência. Neste trabalho estamos optando pela perspectiva de que ela existe e é pertinente a este caso.

menos, o mesmo "terreno empírico" que teorias prévias já cobriam). Portanto, isto é precisamente o que será desenvolvido doravante.

Para definir 'também' argumentamos que é preciso abordar suas duas funções centrais e como elas interagem entre si. A primeira função é uma anáfora de um predicado explícito ou suficientemente saliente para o apontamento. A segunda função é a adição, efetuada sobre um dos elementos desse predicado.

Como visto na seção 2.1 deste trabalho, a anáfora do 'também' incide sobre um predicado, como poderemos observar no exemplo a seguir:

(51) (A Rita veio na minha casa ontem)₁. Ela veio pra cá semana passada também₁.

Neste exemplo está demonstrado que o predicado que o 'também' retoma anafóricamente é 'A Rita veio na minha casa ontem', sobre o qual é adicionado o elemento 'semana passada', resultando numa sentença com conteúdo similar à 'Rita veio na minha casa semana passada e ontem.'. Assim, não apenas o efeito anafórico é demonstrado, mas também a adição desempenhada pelo objeto.

Porém, ainda restam esclarecimentos a serem feitos sobre o processo anafórico do elemento. Primeiramente, a questão de que a anáfora incide sobre o predicado demanda um pouco mais de aprofundamento. A retomada que a anáfora faz do predicado todo deve-se ao fato de que quando o 'também' recupera um conteúdo anterior do contexto, é necessário que ele recupere não somente o elemento a qual esteja fazendo a adição, como no caso do exemplo 51, no item 'ontem', como o contexto necessário também. Isto pode ser visto mais claramente no exemplo 23, aqui repetido como 52.

(52) Descalvado também tem Unimed.

O exemplo, conforme o já mencionado na seção 2.1 deste trabalho, retoma uma proposição como 'Várias cidades possuem Unimed', e adiciona 'Descalvado' à este grupo. Se tentarmos analisar este exemplo pela perspectiva de que a anáfora exercida pelo também retoma meramente o objeto, ou conjunto de objetos ao qual se faz à adição, esta sentença soaria incompleta uma vez que retomaria 'várias cidades', dado que o contexto de que estas cidades tem Unimed é imprescindível para a compreensão da sentença.

Adicionalmente podemos observar no exemplo 52 uma ocorrência de ambiguidade

de escopo do 'também', onde a proposição retomada pode ser 'Várias cidades tem Unimed', conforme descrito acima, porém pode ser retomada a ideia de que: 'Descalvado oferece vários serviços' e 'Unimed' seria adicionado a eles. Tal fenômeno é similar ao caso que vimos no exemplo 14, repetido a seguir como 53, sendo que ambos são consequência do foco sobre o qual a anáfora incide sobre.

- (53) a. Péter probably visited the exhibition, tò.
Péter provavelmente foi na exposição, também
b. Peter probably visited the exhibition, tò.
Peter provavelmente foi na exposição, também ⁶

Outra evidência que corrobora a retomada da proposição por completo pode ser observada no exemplo 54:

- (54) a. -O João vive estudando.
-O Pedro também.
b. -O João vive estudando.
-Trabalhando também.

Em que no item (b), encontramos uma propriedade do 'também' ainda não explorada neste trabalho, que é a sua capacidade de aplicar sua função aditiva do lado do verbo, em sentenças que, ao invés de adicionar um outro sujeito ao predicado, como visto no item (a), adicionam mais um predicado a ser aplicado ao(s) mesmo(s) sujeito(s). Isso só pode ser possível se o antecedente da anáfora produzida por 'também' incluir ambos, o que nos leva a concluir que de fato o seu antecedente é o predicado todo, formado a partir da sentença 'João vive estudando'. Muito simplificada, a ideia é que dessa sentença retomemos um predicado como 'viver estudando' como sendo parte das propriedades de João, e acrescentamos uma nova propriedade com o 'também'.

Adicionalmente, o exemplo 54 nos permite retornar à função aditiva do 'também', dado que vemos em (a) o uso que demonstramos e discutimos diversas vezes ao longo deste trabalho, e que também retomamos neste exemplo para contrastar estruturalmente com (b), em que temos uma adição de predicados⁷. Podemos ver que a estrutura é essencialmente a mesma e o predicado retomado é precisamente o mesmo. Sendo assim, temos uma trilha clara para definir as duas funções que são feitas: nós temos em primeiro lugar uma função anafórica, ou seja uma indexação entre dois itens, que pode ser vista no exemplo simples, como também pode

⁷ Como vimos na seção 2.3.3 na discussão sobre distributividade e *type shift*.

ser observada no exemplo 55:

- (55) a. -A Maria₁ é minha amiga.
- Ela₁ é uma pessoa muito legal
b. -(Eu₁ vou na festa amanhã)₃.
-Eu₂ também₃ vou.

No exemplo podemos ver que há três indexações distintas, duas entre ‘Eu’ e o respectivo falante, e uma entre o também e todo o predicado, proferido pelo primeiro falante; em um segundo momento temos uma operação $\alpha\alpha$, que pode ser descrita com a ferramenta proposta na seção 2.4 deste trabalho que, neste caso, toma algo como entrada, seja o verbo do predicado ou o sujeito, e produz um conjunto contendo tanto o item retomado bem como o itens sobre o qual o ‘também’ incide. Dessa forma, as sentenças em 54 teriam como resultado final das suas operações aplicadas sentenças que se assemelham em conteúdo semântico à:

- (56) a. João e Pedro vivem estudando.
b. João vive estudando e trabalhando.

A aplicação dessa ferramenta começa com subfunção de agrupamento, que nos permite, a partir de um *input* que não apresenta uma restrição a um tipo semântico específico, ou seja um *input* α , retornamos um *output* do mesmo tipo. Porém, este é um conjunto composto pelo *input* original, bem como quaisquer itens adicionados pelo uso do ‘também’, e que resulta, assim, em um processo $\alpha\alpha$, que é a estrutura típica da adição. A aplicação desta adição resulta assim, dentro do contexto da função coordenadora ⁸, em um conjunto de predicados à serem aplicados a um nome singular.

Todavia é importante notar que, para esta análise ser satisfeita, é necessário reconhecer que em certos contextos do uso do também há a ocorrência de elipses, uma vez que o ‘também’, por ser um item de tipo $\alpha\alpha$, só tem a capacidade de adicionar elementos em uma determinada posição do predicado, mas não a capacidade de completar o predicado em si, como sera demonstrado no exemplo a seguir:

- (57) -Meus amigos foram ao parque de diversões ano passado.
-Eu e minha namorada também (fomos ao parque de diversões ano passado).

Neste exemplo podemos ver a porção de informação elidida entre parenteses que

⁸ Novamente, aqui há espaço para outro modelo de coordenação, uma vez que a anáfora estabelece claramente quais itens são coordenados pelo uso do ‘também’.

permite que o ‘também’ exerça somente suas funções aditiva-anafóricas, sem ter a necessidade de completar o predicado em que ele é utilizado. Tal manobra de elisão está longe de ser uma exclusividade do uso do também, mas sim uma característica típica de um diálogo como podemos ver no exemplo 58.

- (58) -Ontem eu gabaritei a prova.
-Como (você gabaritou a prova)?

No exemplo acima podemos ver o caso de uma elipse similar à encontrada no caso do ‘também’ em um contexto bastante corriqueiro de diálogo, justificando assim a interpretação contendo elipses em contextos como 57.

Assim, podemos concluir a descrição funcional do uso do ‘também’, um termo que executa uma retomada anafórica que permite a uma função coordenadora efetuar uma conjunção de predicados ou nomes. Isso nos leva ao final da construção do modelo teórico para descrever o funcionamento do ‘também’ aditivo do português brasileiro. Na seção seguinte, concluiremos o texto com uma breve recapitulação do processo aqui estabelecido.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, demonstramos, inicialmente, os diferentes usos do ‘também’ no português brasileiro e isolamos o uso de interesse para o presente estudo. Na sequência, exploramos estudos de diferentes autores que, por meio da análise de equivalentes linguísticos ao ‘também’ no inglês e francês, nos ofereceram descrições estruturais plenamente aplicáveis ao ‘também’, sendo estas a propriedade de que o ‘também’ exerce uma função aditiva, e, para tanto, ele requer alguma correlação inerente sobre as cláusulas em que se aplica, bem como uma relação às vezes descrita como similar a uma anáfora ou elipse. Assim, cada um dos autores propunha uma estratégia distinta e estruturada especificamente ao redor do ‘também’.

Em vista disto, neste trabalho nos voltamos a explorar os pontos em comum dos diferentes trabalhos prévios sobre o tópico para nos focarmos nas estruturas essenciais. Isso foi feito com dois propósitos, (i) Produzir uma descrição detalhada de como este termo (‘também’) do português brasileiro funciona; e (ii) não apenas condensar os conhecimentos produzidos no tópico em seus equivalentes em outras línguas, mas aprimorá-los na medida em que trazemos a descrição proposta.

No processo de atingir estes objetivos, concluímos que, não surpreendentemente, as funções essenciais do ‘também’ são de fato a anáfora e a adição, porém o que é surpreendente não é o quão distintamente complexo o ‘também’ é, mas sim o quão similar seu funcionamento é da natureza típica da anáfora e da adição. No decorrer deste estudo, costuramos um modelo, que, apesar de simples, é preciso e rígido o suficiente para adequadamente descrever as funções do ‘também’ anafórico, e fizemos isso por meio da função de “lista” adaptada de Zhang (2014), juntamente com uma cautelosa exploração de como integrá-la com as propriedades anafóricas e pressuposicionais do ‘também’, que demonstram vasta semelhança com o uso típico de uma anáfora. Retomaremos aqui a parte em português do item (b) do exemplo 48, aqui repetido como exemplo 59, para demonstrar a aplicação do modelo resultante deste trabalho:

- (59) (Compra um McLanche Feliz)₁, mas se você tiver com muita fome compra um Big Mac também₁.

Neste exemplo, o componente anafórico do ‘também’ claramente aponta para o predicado ‘Compra um McLanche Feliz’, disponibilizando assim o nome ‘McLanche Feliz’ para a

subsequente função coordenadora, que neste contexto tem seu tipo $\alpha\alpha$ estabelecido com tipo $\langle e, e \rangle$, tomando como *input* o nome ‘McLanche Feliz’, e como *output* a coordenação, ‘McLanche Feliz e Big Mac’, tornando assim a sentença uma escolha entre um dos itens e os dois. Tal manobra não pode ser realizada por mecanismos exclusivamente pressuposicionais, uma vez que temos a necessidade de uma alteração explícita na sentença para garantir que a disjunção se comporte da maneira descrita.

Assim, esperamos que, com este trabalho, tenhamos trazido um avanço no entendimento do funcionamento do ‘também’-aditivo, desse modo expandindo a descrição do português brasileiro.

BIBLIOGRAFIA

- AMSILI, P.; BEYSSADE, C. et al. Obligatory presuppositions in discourse. In: _____. [S.l.]: John Benjamins Pub. Co, 2010. v. 2, p. 105–123. i, ii, 11, 19, 20, 24, 36, 40
- BASSO, R. M. **A semântica das relações anafóricas entre eventos**. Tese (Doutorado) — Doctoral Dissertation. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. 18
- BOSCH, P. Against the identification of anaphora and presupposition. In: **Proceedings of the Second SIGdial Workshop on Discourse and Dialogue**. [S.l.: s.n.], 2001. 23
- CAMBRIDGE, D. O. **Too**. [s.n.]. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/too>>.
- CHAMPOLLION, L. **Distributivity, collectivity and cumulativity**. [S.l.]: Wiley's companion to semantics, 2014. 34
- CULICOVER, P. W.; JACKENDOFF, R. **Simpler syntax**. [S.l.]: OUP Oxford, 2005. 27
- GEURTS, B. **Presupposing**. [S.l.]: na, 1995. 23
- GEURTS, B. Presuppositions and pronouns. In: **Presuppositions and Pronouns**. [S.l.]: Brill, 1999. 23
- GREEN, G. M. On too and either, and not just too and either, either. **CLS (Chicago Linguistics Society)**, v. 4, p. 22–39, 1968. i, ii, 11, 12, 19
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. 2003. grammaticalization. **Foreign Language Teaching and Research Press & Cambridge University Press**, 1993. 7
- KAPLAN, J. Obligatory too in english. **Language**, Linguistic Society of America, v. 60, n. 3, p. 510–518, 1984. i, ii
- KRIFKA, M. Boolean and non-boolean 'and'. In: AKADEMIAI KIADO BUDAPEST. **Papers from the second symposium on Logic and Language**. [S.l.], 1990. p. 161–188. i, ii
- KRIPKE, S. A. Presupposition and anaphora: Remarks on the formulation of the projection problem. **Linguistic Inquiry**, MIT Press, v. 40, n. 3, p. 367–386, 2009. 14
- PARTEE, B.; ROOTH, M. Generalized conjunction and type ambiguity. **Formal semantics: The essential readings**, p. 334–356, 1983. 26, 28
- PARTEE, B. H. Semantic types and type-shifting. conjunction and type ambiguity. noun phrase interpretation and type-shifting principles. Citeseer, 2005. Disponível em: <http://people.umass.edu/partee/docs/Tarragona_05_Lec3_1up.pdf>. 26
- PERCUS, O. Antipresuppositions. **Theoretical and empirical studies of reference and anaphora: Toward the establishment of generative grammar as an empirical science**, v. 52, p. 73, 2006. 37
- ROBERTS, C. Uniqueness in definite noun phrases. **Linguistics and philosophy**, Springer, v. 26, n. 3, p. 287–350, 2003. 16

- SANDT, R. A. Van der. Presupposition projection as anaphora resolution. **Journal of semantics**, Oxford University Press, v. 9, n. 4, p. 333–377, 1992. 23
- SANDT, R. A. Van der; GEURTS, B. Presupposition, anaphora, and lexical content. **Text understanding in lilog**, Springer, p. 259–296, 1991. 23
- SAUERLAND, U. Implicated presuppositions. **The discourse potential of underspecified structures**, v. 8, p. 581–600, 2008. 37
- SCHLENKER, P. Be articulate: A pragmatic theory of presupposition projection. Walter de Gruyter GmbH & Co. KG, 2008. 37
- SOAMES, S. How presuppositions are inherited: A solution to the projection problem. **Linguistic inquiry**, JSTOR, v. 13, n. 3, p. 483–545, 1982. 14
- STANFORD, O. E. **Pressuposition**. [s.n.]. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/presupposition/>>.
- WINTER, Y. Multiple coordination: meaning composition vs. the syntax-semantics interface. **Ms. Technion/NIAS**, 2006. i, ii, 24, 30, 31
- ZHANG, L. Decomposing english particles and and or. In: **Proceedings of NELS**. [S.l.: s.n.], 2014. v. 45. i, ii, 15, 24, 30, 31, 32